

VI SIMPÓSIO INTERNACIONAL EDITH STEIN



Pessoa, comunidade, sociedade
e Estado: dimensão relacional
na fenomenologia de Edith Stein

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
22 a 24 de novembro de 2023

CADERNO DE RESUMOS

Os resumos aqui apresentados foram revisados e formatados pela empresa
de serviços acadêmicos **Texto Certo Assessoria Linguística**.
<http://www.textocerto.net> | [@textocerto](https://twitter.com/textocerto) | textocerto@outlook.com

ORGANIZAÇÃO GERAL DO CONTEÚDO

Clio Francesca Tricarico – Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)
Patrícia Espíndola de Lima Teixeira – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

COMITÊ CIENTÍFICO

Clio Francesca Tricarico – Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)
Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwig Stein (ISTEIN)
Juvenal Savian Filho – Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)
Miguel Mahfoud – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Moisés Rocha Farias – Universidade do Minho (UNIMINHO)
Patrícia Espíndola de Lima Teixeira – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)
Suzana Filizola Brasiliense Carneiro – Universidade de São Paulo (USP)
Tiago de Fraga Gomes – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

COMISSÃO ORGANIZADORA DO EVENTO

Clio Francesca Tricarico – Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)
Juvenal Savian Filho – Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)
Miguel Mahfoud – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Moisés Rocha Farias – Universidade do Minho (UNIMINHO)
Patrícia Espíndola de Lima Teixeira – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)
Tiago de Fraga Gomes – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

REVISÃO TEXTUAL, NORMATIZAÇÃO E EDITORAÇÃO

Texto Certo Assessoria Linguística
Responsável Técnica – Patrícia Azevedo Gonçalves (PUCRS)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

VI Simpósio Internacional Edith Stein [livro eletrônico] : pessoa, comunidade, sociedade e Estado : dimensão relacional na fenomenologia de Edith Stein : caderno de resumos / organização geral do conteúdo Clio Francesca Tricarico, Patrícia Espíndola de Lima Teixeira. -- Porto Alegre, RS : Ed. dos Autores, 2023.
PDF

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-00-86800-5

1. Comunidade 2. Fenomenologia 3. Sociedade
4. Stein, Edith, 1891-1942 I. Tricarico, Clio
Francesca. II. Teixeira, Patrícia Espíndola de Lima.

23-181635

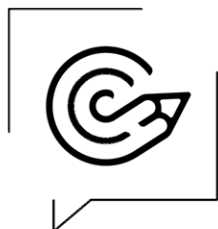
CDD-142.7

Índices para catálogo sistemático:

1. Fenomenologia : Filosofia 142.7

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

PATROCÍNIO:



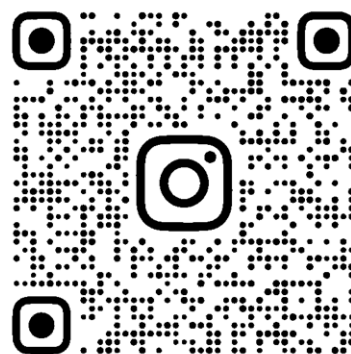
texto certo

ASSESSORIA LINGUÍSTICA

- Revisão gramatical;
- Formatação (em diferentes normas: ABNT, APA, Vancouver, Chicago etc. ou de sua instituição de ensino);
- Preparação de artigos e resumos (de acordo com as diretrizes de revistas e eventos);
- Tradução/versão (inglês, espanhol, francês, italiano, alemão);
- Elaboração de ISBN e ficha catalográfica;
- Editoração de E-books e Anais de Eventos;
- Transcrição de áudio (entrevistas, lives, aulas etc.);
- Editoração de dissertações e teses (para publicação como livro);
- Aulas particulares, palestras e cursos sobre escrita acadêmica;
- Mentoria linguística e metodológica para acadêmicos com dificuldades em relação à escrita;
- Preparação para seleção de mestrado/doutorado.

Há mais de 10 anos, prestando
assessoria acadêmica de excelência.

www.textocerto.net
textocerto@outlook.com
(51) 999930651



TEXTOCERTO

SUMÁRIO

CONFERÊNCIAS

Empatia e autenticidade: encontro clínico à luz de Edith Stein.....	11
Achilles Gonçalves Coelho Júnior	
As contribuições de Edith Stein para a formação da pessoa na atualidade	13
Adair Aparecida Sberga	
Edith Stein: uma proposta pedagógica fundamentada na formação da pessoa humana	15
Aparecida Turolo Garcia	
O que não é uma teoria do Estado em Edith Stein	15
Bortolo Valle	
O papel da corporeidade viva na concepção de empatia segundo Edith Stein: algumas implicações para a Psicologia	17
Carolina de Resende Damas Cardoso	
O feminino de Edith Stein na obra a mulher	19
Clélia Peretti	
A articulação do teórico, do teórico e do prático no tocante à concepção steiniana da formação da pessoa humana	20
Eric de Rus	
A situação dos povos e comunidades na formação social do Estado	21
Gilfranco Lucena dos Santos	
A comunidade estatal na perspectiva de Edith Stein.....	22
José Mario Brasiliense Carneiro	
Mística, pessoa e sociedade	23
Juan Francisco Pinilla Aguilera	
Concomitância no surgimento do Estado e do Direito segundo Edith Stein	24
Juvenal Savian Filho	

Narrativa biográfica e formação humana em Edith Stein: integrando luzes e sombras	25
Magna Celi Mendes da Rocha	
O feminino na obra “Vida de uma família judia”: uma análise do escrito autobiográfico de Edith Stein.....	26
Márcio Luiz Fernandes	
A noção de “Direito puro” em Edith Stein como substrato fenomenológico de compreensão do Direito.....	27
Marcio Henrique Pereira Ponzilacqua	
A contribuição de Edith Stein à fundação fenomenológica das Ciências Sociais	28
Mette Lebech	
A mulher como formadora da vida espiritual.....	28
Patrícia Espíndola de Lima Teixeira	
A questão da intersubjetividade na fenomenologia: um diálogo entre Edith Stein e Edmund Husserl.....	28
Scheila Cristiane Thomé	
Intersubjetividade como fundamento da comunidade	31
Ursula Anne Matthias	

PESQUISAS APRESENTADAS

O conceito de empatia no processo de constituição da pessoa humana.....	32
Ana Beatriz Gobbo de Brito Sousa, Fernando Costa Mattos	
Pessoa humana e comunidade em Edith Stein: a relação entre individualidade e comunidade.....	34
Anderson Rodrigues Ferreira, Ursula Anne Matthias	
Nausear e transcender: situando a subjetividade dissolvida na coletividade: aproximações entre Edith Stein e Jean-Paul Sartre.....	35
Caique Jasley Rosa Nascimento, Bruno Martinez Portela	
A originalidade do conceito de corpo vivo em Edith Stein e sua contribuição para uma fenomenologia crítica	35
Camila Palhares Barbosa, Agemir Bavaresco	

A fenomenologia em Hannah Arendt	38
Carlos Roberto de Melo Almeida, Gabriel Ferreira da Silva	
Mas, afinal, de que tipo de formação humana integral estamos falando? Edith Stein tem muito a ensinar sobre educação.....	39
Danilo Cortez Gomes	
Edith Stein: recepções e disputas no processo de canonização	40
Danilo Souza Ferreira, Marcelo Santos de Abreu	
A teologia da graça e a ênfase no ambiente como atmosfera divina.....	41
Eliseu Lucas Alves de Oliveira, Luiz Carlos Susin	
Contribuições fenomenológicas de Edith Stein para a psicologia clínica: comunidade, conjugalidade, subjetividade e singularidade	42
Eunides Almeida, Maria Clara Jost	
“Jesus Cristo, quanto à sua humanidade, tem a mesma carne que tem o homem negro”: o argumento antropológico de Dom Sebastião Dias Laranjeira para a libertação dos escravos	44
Fabiano Glaeser dos Santos, Roberto Hofmeister Pich	
A empatia como elemento educativo a partir da verdade e transcendência: ensino de filosofia como entendimento do eu em Edith Stein e Martin Buber ...	45
Flávio Marcílio Cavalcante Silva, Alfredo de Oliveira Moraes	
Edith Stein e o conceito de empatia proposto por Theodor Lipps: possibilidades de interpretação da crítica steiniana	46
Gabriel da Costa Mendes, Fabio Caprio Leite de Castro	
Por uma abordagem filosófica da mística: aproximações entre Edith Stein e Jean Ladrière.....	47
Gustavo Silvano Batista, Maycon Silva Santos	
O declínio da qualidade dos materiais didáticos e a formação da alma humana	48
Janaína Mourão Freire Gori Felipe	
Educação formal e catequese: diálogos com Edith Stein sobre a essência da formação humana	49
Karina da Rocha Hastreiter, Sissiliana Bethania del Rocio de Vilchez Rabanal, Ariél Philippi Machado, Clélia Peretti	

“O que é Filosofia?” E a dependência material e formal da Filosofia para com a fé em Edith Stein.....	50
Lucas Matias Alves	
Um estudo sobre a causalidade psíquica e a motivação em Edith Stein como compreensão da busca de sentido no mundo contemporâneo.....	51
Lucas Oliveira Mendes	
Sentir com o semelhante: empatia e integralidade no ser humano	52
Marcelo Cabral de Araújo, Wagner Lopes Sanchez	
O ser do catequista e sua relação com a comunidade e sociedade a partir de Edith Stein.....	53
Maria Aparecida Barboza, Thiago de Fraga Gomes	
A fenomenologia e seu significado de visão de mundo segundo Edith Stein.....	54
Maria Cecilia I. Parise	
Cronicidade e espiritualidade: uma contribuição a partir da filosofia de Edith Stein	55
Marlise Barros de Medeiros, Rose Mary Costa Rosa Andrade Silva, Eliane Ramos Pereira, Marcos Andrade Silva, Janaína Mengal Gomes Fabri, Laís Silva Sales do Amaral, Verônica Bessa de Paulo, Conceição Grazielle Teixeira Frederico	
A pessoa do presbítero: o conceito de corporeidade em Edith Stein e suas contribuições para o ministério presbiteral.....	57
Martim Goulart Fortes, Patrícia Espíndola de Lima Teixeira	
Edith Stein e Karl Rahner: o diálogo entre Tomás de Aquino e a modernidade .	58
Matheus Manhóler de Oliveira	
Contribuições de Edith Stein para a formação de professores: proposta de um programa de formação para docentes universitários.....	59
Michelha Vaz Pedrosa, Magna Celi Mendes da Rocha	
O direito para Edith Stein na obra “Uma investigação sobre o Estado”.....	60
Nairo Venício Wester Lamb	
Un estudio sobre la relación entre la empatía y la libertad en Husserl y Stein ...	61
Nathalie Barbosa de la Cadena	
Da empatia ao dom de si: a antropologia da relação em chave teológica	62
Patrícia Espíndola de Lima Teixeira	

Das desfigurações contemporâneas ao resgate da pessoalidade: sobre a empatia e a pessoa humana em Edith Stein.....	63
Paulo Sérgio da Silva Filho, Jefferson da Silva	
Everardo Backheuser: um escolanovista católico	64
Rarden Luis Reis Pedrosa, Mauro Castilho Gonçalves	
Dynamis: metamorfose e identidade	65
Sinval da Silva Junior	
Educação integral, projeto de vida e vivência comunitária: a formação da juventude em Edith Stein	66
Soraia Batista Rodrigues	
Um ensaio sobre a dignidade e a vocação da mulher	67
Talis Pagot	
O sentido salvífico do sofrimento: uma análise da noite escura, a partir da obra “A Ciência da Cruz” de Edith Stein.....	68
Thales Vinicius Silva, Roberto José da Silva	
O papel da comunidade no pensamento de Edith Stein	69
Valdirlei Augusto Chiquito, Clélia Peretti	
Compreensões do ser e desdobramentos para a educação matemática: um olhar para a obra “A formação da pessoa em Edith Stein” de Adair Aparecida Sberga	70
Vitória Fenilli Vidaletti, Mariangela Deliberalli, Tiago Emanuel Klüber	

**VI SIMPÓSIO
INTERNACIONAL
EDITH STEIN**



CONFERÊNCIAS

EMPATIA E AUTENTICIDADE: ENCONTRO CLÍNICO À LUZ DE EDITH STEIN

Achilles Gonçalves Coelho Júnior

Universidade de São Paulo
achillescoelho@gmail.com

Na literatura referente à clínica psicológica, sobretudo aquelas de inspiração humanista e fenomenológico-existenciais, a noção de empatia e de autenticidade comparecem carregadas de uma polissemia de significados. Os mesmos termos são utilizados para designar diferentes atitudes desejáveis a serem assumidas pelo profissional terapeuta, assim como para designar critérios de acompanhamento de mudanças do paciente durante um processo terapêutico. Assumindo o método fenomenológico husserliano, Edith Stein aprofundou a análise de várias vivências e formulou uma descrição da estrutura da pessoa, considerada em sua complexidade intra e interpessoal. Retomando suas análises, podemos colher contribuições para uma fundamentação compreensiva antropológico-fenomenológica de diversas vivências e situações empíricas presentes no âmbito da clínica psicológica. O objetivo do trabalho é discutir a relação entre empatia e autenticidade, à luz de Edith Stein, explicitando suas contribuições para a compreensão de fenômenos que se apresentam no encontro clínico, em especial aqueles conduzidos por profissionais da Psicologia, a partir de uma perspectiva fundada no método fenomenológico clássico. As obras da autora, em sua tradução italiana, intituladas “Il problema dell’empatia” e “Psicologia e scienze dello spirito: contributi per una fondazione filosofica”, foram analisadas fenomenologicamente, buscando explicitar a relação entre as noções teóricas de empatia e autenticidade. Em seguida, suas contribuições foram relacionadas a temas da Psicologia Clínica contemporânea, considerada no cenário brasileiro. Enquanto a vivência da empatia foi discutida explicitamente nas obras consultadas, a noção de autenticidade comparece indiretamente, quando a autora qualifica conceitos importantes de sua antropologia, ao se referir à personalidade autêntica, por exemplo, bem como ao discutir os aspectos éticos da ação humana. Em uma situação de encontro clínico, a vivência da empatia fundamenta a construção do *setting* terapêutico, tomado em seu aspecto relacional, ético e técnico, uma vez que um profissional se dispõe a compreender a experiência apresentada pela pessoa que lhe solicitou ajuda. Ao mesmo tempo, o solicitante – comumente considerado como paciente ou cliente – vivencia a empatia iterativa em relação ao profissional que lhe atende. Do lado do profissional, vivenciar a empatia possibilita a compreensão das vivências de seu paciente, bem como o reconhecimento, gradativo, de características singulares de sua personalidade e de sua nota pessoal. Do outro lado, o paciente vivencia a iterabilidade da empatia, colhendo, em seu psicoterapeuta, a maneira como

VI SIMPÓSIO INTERNACIONAL EDITH STEIN

Pessoa, comunidade, sociedade e Estado: dimensão relacional na fenomenologia de Edith Stein

é compreendido por ele. Para o paciente, a empatia vivenciada em suas relações interpessoais, inclusive com o próprio psicoterapeuta, pode favorecer o contato com diversos valores, motivando sentimentos e tomadas de posição que poderiam não serem tomados como objeto intencional de reflexão fora da relação terapêutica. A empatia iterativa vivenciada no encontro clínico pode contribuir para uma melhor autocompreensão do paciente, bem como pode disponibilizar novos motivos para tomadas de posição e ações diante das situações que são examinadas conjuntamente no encontro clínico.

Palavras-chaves: empatia; autenticidade; Edith Stein.

AS CONTRIBUIÇÕES DE EDITH STEIN PARA A FORMAÇÃO DA PESSOA NA ATUALIDADE

Adair Aparecida Sberga

Associação Nacional de Educação Católica
Institutos Superiores de Ensino do CENSA
vicepresidente@anec.com.br

Diversos contextos nacionais e mundiais passam por uma encruzilhada sem precedentes, nos quais se avolumam situações de grande complexidade devido ao crescimento da desigualdade social, da exclusão, do racismo, da discriminação a grupos minoritários, da xenofobia, do vazio existencial, da apologia ao nazismo, do discurso ao ódio etc., as quais promovem polarizações extremistas que dividem nações, espalham intolerâncias e ocasionam violências que infringem os direitos humanos. Esses fatores representam uma grande ameaça aos valores democráticos, à instabilidade social e à paz, por isso devem ser evitados e banidos do mundo, porque são crimes e estão na contramão da civilização e do progresso. Esse contexto não é antagônico ao vivenciado por Edith Stein, que viu surgir o totalitarismo como poder dominante e experimentou todas as consequências de sua condição, tendo sofrido o destino de milhões de judeus excluídos, perseguidos, massacrados e mortos pelo nazismo. Nesse contexto, como filósofa, educadora e cidadã, com um forte sentimento de responsabilidade social, não ficou indiferente ao que estava acontecendo no seu tempo. Com perspicácia, redigiu a obra “Uma investigação sobre o Estado”, para descrever como devia vigorar um Estado soberano, uma nação coesa, com seus direitos e deveres, e expor o perigo para o povo de um governo tirano. A análise conduzida por Stein definiu o que significa a existência de um Estado e trouxe referências para os cidadãos de como se comportar diante dele, para que a sua convivência fosse pautada na liberdade, no bem comum e na garantia da segurança. Stein observou, em sua época, não só a ascensão do nazismo na Alemanha, mas, também, a ascensão do fascismo na Itália, do stalinismo na Rússia e, certamente, questionou a natureza desses Estados com política de extermínio e atrocidades às minorias. Por meio da fenomenologia, buscou compreender o sentido e o destino desses Estados, aos quais examinou e se posicionou contrariamente. Essa abrangência de compreensão fez Stein promover, com suas alunas, uma formação para a responsabilidade social, para a consciência crítica e para a vivência e prática dos valores humanos. Em sua obra “Psicologia e Ciência do Espírito”, Stein propõe uma educação que conduz para discernir, optar e agir baseando-se em motivações que vão além do plano pessoal e se estendem para o âmbito comunitário, o que implica posicionamentos e decisões que favorecem o desenvolvimento social em prol do bem comum. Promove, assim, uma educação que se compromete com a formação dos indivíduos e, ao mesmo tempo, com a formação da comunidade, as quais devem estar alicerçadas em princípios e valores morais e éticos. Mas Stein também

VI SIMPÓSIO INTERNACIONAL EDITH STEIN

Pessoa, comunidade, sociedade e Estado: dimensão relacional na fenomenologia de Edith Stein

explica na obra “A estrutura da pessoa humana” que a educação, para ser plena, precisa atingir o núcleo interior da pessoa, ou seja, a sua interioridade, porque é ali que está a força transformadora, a base qualitativa do ser, que se define a partir das suas potencialidades, originalidade, motivação, liberdade, responsabilidade, isto é, do mundo dos valores da pessoa. Essa força transformadora, que reside na interioridade humana, humaniza as pessoas e possibilita a construção da fraternidade universal. Portanto, Stein ajuda a traçar rumos para a educação atual, que tem um enorme papel a desempenhar: educar as pessoas para construir uma humanidade melhor, garantindo a responsabilidade cidadã e um futuro pacífico, justo, sustentável e desejável para todos.

Palavras-chave: Edith Stein; formação; pessoa.

EDITH STEIN: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA FUNDAMENTADA NA FORMAÇÃO DA PESSOA HUMANA

Aparecida Turolo Garcia

Instituto das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus
irjacinta@gmail.com

Edith Stein, filósofa, convertida, educadora, carmelita, mártir e santa, considerada por João Paulo II, que a beatificou em 1987 e a canonizou em 1998, como a “síntese dramática do nosso século”, nos oferece uma experiência pedagógica voltada à formação da mulher de seu tempo (décadas de 30 e 40), válida, no entanto, para os tempos atuais. Enfatiza que “só a pessoa verdadeiramente formada pode formar”. É no educador capaz de solidarizar-se que podemos colocar nossa esperança de uma nova educação. É o exemplo de quem acredita na pessoa humana como ponto de partida, na dimensão social como meio e na comunidade humana como meta que se podem tornar vivos os currículos e mudanças de direção. Dentre tantos textos que demonstram a preocupação de Edith Stein, formadora de sua geração, destacamos sua principal obra, “Endliches und Ewiges Sein”, juntamente com suas conferências sobre formação das mulheres – e dos homens –, reunidas na obra “A Mulher” (EDUSC, 1999). Os estudiosos de E. Stein frequentemente destacam, em seus campos de estudo, o caráter precursor da filósofa. Admitem que seria até possível um estudo comparativo com os filósofos da educação e pedagogos contemporâneos, com os novos métodos e até com teorias psicoterápicas. Queremos, no entanto, situar a filósofa, convertida, pedagoga, carmelita, mártir e santa no âmago do problema da formação, no qual a primazia está no ser humano, pois, na concepção steiniana de pessoa humana, a verdade sobre o homem é motivo de profunda reflexão. Para Edith Stein, o homem – como ser individual – é o ponto de partida, a dimensão social é o seu meio e a comunidade humana, a sua meta. Como universitária e professora universitária, a jovem filósofa exercita o seu trabalho pedagógico e, nas suas conferências, estimula os universitários à ação concreta – principalmente as mulheres – a abrirem-se às demais e ajudá-las a superarem as dificuldades da nova situação da mulher. Conclama as mulheres a estudarem mais para perceberem a missão cristã dos que receberam mais talentos. Com essas considerações, pretendemos demonstrar não só a atualidade de Stein nas propostas pedagógicas, mas sua sintonia com a Igreja no que se refere à defesa da dignidade humana e, conseqüentemente, à busca de uma humanidade mais solidária.

Palavras-chave: Edith Stein; formação; pessoa humana.

O QUE NÃO É UMA TEORIA DO ESTADO EM EDITH STEIN

Bortolo Valle

Pontifícia Universidade Católica do Paraná
bortolo.valle@pucpr.br

No exercício de identificação de uma “essência” do Estado, Edith Stein se distancia dos enunciados clássicos. O horizonte de sua construção projeta, como vital, a expressividade comunitária forjada pela autoconsciência produtora da cultura e, como consequência, do Estado. Sua obra “Eine Untersuchung über den Staat” (“Uma investigação sobre o Estado”), imersa nas tramas da fenomenologia, deixa expresso o afastamento de contornos de natureza afirmativa/objetiva para a indicação de tal propriedade. Esta reflexão pretende, num recurso de natureza apofática, destacar certos indicadores históricos que não são assumidos pela autora. Entre eles, o contratualismo e o liberalismo, bem como as afirmações do idealismo de Hegel de *Fichte*. O trabalho se dedica a explorar três conceitos fundamentais que distanciam a autora das perspectivas elencadas: a natureza do Volk, a comunidade e a sociedade, e a questão da soberania.

Palavras-chave: Edith Stein; fenomenologia; Estado.

O PAPEL DA CORPOREIDADE VIVA NA CONCEPÇÃO DE EMPATIA SEGUNDO EDITH STEIN: ALGUMAS IMPLICAÇÕES PARA A PSICOLOGIA

Carolina de Resende Damas Cardoso

Universidade Federal de Catalão
carolina_resende@ufcat.edu.br

O tema da corporeidade tem ganhado atenção na Psicologia contemporânea, quer seja pela ênfase em condicionamentos biológicos da vida psíquica, quer seja pelo reducionismo resultado de uma pretensa separação entre a subjetividade e corporeidade - concepção hoje bastante divulgada por ramos das Ciências Humanas. Por essa razão, são necessários esclarecimentos sobre a natureza deste objeto, bem como sobre os perigos das mencionadas reduções epistemológicas. O objetivo deste trabalho é salientar a premência de uma fundamentação fenomenológica na consideração dessa importante questão para a Psicologia e o papel que a corporeidade desempenha para o (re)conhecimento de pessoas humanas. Uma escavação que se pretende fenomenológica, antes de tudo, consiste na suspensão das teorias, fatos da realidade, ideias e pré-concepções na delimitação do objeto que se pretende investigar. Em um segundo momento, consiste na descrição das vivências intencionais manifestas na apreensão do referido objeto. Para tanto, destacam-se as notáveis contribuições de Edith Stein (1891-1942) a respeito da temática da corporeidade que, por sua vez, está inserida em uma discussão epistemológica maior acerca da intersubjetividade do conhecimento e da possibilidade de conhecimento das pessoas humanas e, portanto, não há como desconsiderar o papel da vivência da empatia, por meio da qual se apreende a subjetividade alheia. O presente trabalho está dividido nos seguintes momentos: serão abordadas, em primeiro lugar, as definições de empatia e corporeidade conforme explicitado pela autora nas obras “Sobre o problema da Empatia” (Stein, 1917), “Introdução à Filosofia” (Stein, 2005), “Contribuições para a fundamentação filosófica da Psicologia e das Ciências do Espírito” (Stein, 2010) e “Estrutura da Pessoa Humana” (Stein, 2003). O segundo momento consistirá na apresentação da problemática acerca da apreensão e conhecimento do corpo vivo presente nas mesmas obras, discussão especialmente relevante para a Psicologia que se ocupa do conhecimento de pessoas humanas. Serão discutidas também algumas implicações que tais proposições suscitam para as ciências que se interessam pelo estudo do mesmo objeto, dando especial destaque à Psicologia. Como veremos, o conceito de subjetividade proposto por Stein compreende, também, a corporeidade viva. A empatia, enquanto ato intencional da consciência, proporciona as condições para o conhecimento das outras pessoas e também a base para o conhecimento intersubjetivo do mundo. Como um ato representativo baseado na percepção e outras vivências, a empatia nos possibilita reconhecer outras pessoas em suas respectivas

VI SIMPÓSIO INTERNACIONAL EDITH STEIN

Pessoa, comunidade, sociedade e Estado: dimensão relacional na fenomenologia de Edith Stein

vidas espirituais e psicológicas. Por meio da empatia, é possível reconhecer a experiência corpórea (corporeidade) de outras pessoas como uma encarnação viva repleta de significado. Esse reconhecimento é o movimento inicial da apreensão empática, que permite a subsequente coapreensão da intencionalidade dos atos de outras pessoas e, portanto, fundamental nas considerações metodológicas da Psicologia. Por fim, conclui-se que a fenomenologia de Edith Stein pode contribuir sobremaneira para a fundamentação filosófica da Psicologia atual, ao apontar-nos para considerações não reducionistas (que integram corpo vivo, psique, espírito e ambiente sociocultural e político) de questões que, ainda hoje, são temas de discórdia em uma ciência que pretende produzir conhecimento acerca do dinamismo psíquico de pessoas humanas.

Palavras-chave: empatia; corporeidade; Edith Stein; psicologia.

O FEMININO DE EDITH STEIN NA OBRA A MULHER

Clélia Peretti

Pontifícia Universidade Católica do Paraná
clelia.peretti@pucpr.br

A mulher vem ganhando cada vez mais espaço na sociedade, e tal constatação é visível nos mais diversos contextos sociais; mas não obstante a representatividade feminina ter ganhado cada vez mais valor, a mulher enfrenta ainda barreiras. São corretas a afirmação e a percepção de que é preciso quebrantar essas barreiras (como, por exemplo, a de uma sociedade patriarcal como um todo) e abraçar causas que combatam a violência contra a mulher em suas mais diversas faces e, respectivamente, a desvalorização do feminino, principalmente, como aqui retratado de maneira enfática: no contexto cristão. Assim, este estudo amparar-se-á na abordagem da mulher através da pessoa de Edith Stein, uma mulher que é um grande exemplo do protagonismo feminino nos mais diversos âmbitos sociais. Com isso, tomando como base a obra “A Mulher, sua missão segundo a natureza e a graça” (Stein, 1999), remontemos a importância dos estudos sobre a mulher. Desprendendo-se em três fundamentos bases, Stein traz ricas contribuições acerca do tema como um todo. Em relação ao primeiro fundamento, o histórico, de maneira sintética, dispõe a imagem genérica abstrata como sendo substituída por formas concretas da essência: os sexos, as faixas etárias, os estágios da vida, as classes profissionais. Tal disposição corrobora com a intenção de acentuar o papel feminino nos mais diversos contextos da sociedade. No segundo, o fundamento pedagógico, a autora coloca na centralidade da sua discussão a individualização e a importância da mulher e, conseqüentemente, da representatividade feminina. Dessa forma, propõe uma educação feminina, debate questões pedagógicas e, para além disso, questões teológicas. Em suma, dá-se a relevância da religiosidade – e, consecutivamente, do ser religioso – no ser feminino. O terceiro fundamento centra-se na atividade docente de Edith Stein, da qual advêm seus estudos sobre a mulher, que resultaram em seus ensaios, de um profundo conhecimento da alma humana e de um interesse constante pelos destinos da mulher. Em seu pano de fundo, transparece a doutrina steiniana do ser finito e do ser eterno, da estrutura da pessoa humana, dos fundamentos do trabalho de formação e educação. Portanto, Stein é uma mulher que pode – e deve – ser utilizada como exemplo na contemplação de seus próprios e mais diversos referenciais teóricos acerca da mulher. Além de sua contribuição teórica, Stein dispõe de uma grande vivência que corrobora com a visibilidade e valorização feminina em suas tantas expressões.

Palavras-chave: Edith Stein; feminino; formação; fundamentos da formação.

A ARTICULAÇÃO DO TEORÉTICO, DO TEÓRICO E DO PRÁTICO NO TOCANTE À CONCEPÇÃO STEINIANA DA FORMAÇÃO DA PESSOA HUMANA

Eric de Rus

École Saint Joseph La Salle

A concepção steiniana de formação é atravessada por uma tensão sobre a qual nos propomos a refletir. Com efeito, a formação ou arte de buscar formar integralmente a pessoa humana (no sentido de ativar e desenvolver maximamente suas possibilidades) está na encruzilhada do teorético, do teórico e do prático. A atitude teorética na qual Edith Stein insiste em caracterizar como o olhar filosófico desinteressado sobre os fenômenos remete o pensador ao contemplativo. Esse, por assim dizer, ethos do pensamento traduz-se, no que diz respeito à formação, em uma forte preocupação teórica de fundação antropológica inseparável de uma tomada de posições metafísicas. O desafio é então honrar essa exigência teórica, conciliando-a com a dimensão prática que todo formador ou educador deve honrar, pois a formação é dirigida a indivíduos concretos, e não às massas. Nesse sentido, a figura do formador ou educador, por dizer respeito ao “tipo intelectual” (sem, contudo, ser um “teórico puro” na medida em que, com base na formação teórica, exerce uma profissão prática), assume lugar paradigmático ao pensar a articulação do teorético, do teórico e do prático e enfrentar de maneira fecunda a tensão entre essas dimensões.

Palavras-chave: Edith Stein, formação; pessoa humana.

A SITUAÇÃO DOS POVOS E COMUNIDADES NA FORMAÇÃO SOCIAL DO ESTADO

Gilfranco Lucena dos Santos

Universidade Federal da Paraíba
gilfranco.lucena@academico.ufpb.br

A palestra visa dar a compreender como Edith Stein pensa as formas orgânicas de convivência comunitária dos indivíduos em povos e comunidades, sua diferença em relação à sociedade estatal e sua relação com o Estado. Para tanto, serão discutidos os conceitos de povo, comunidade, sociedade e Estado de acordo com o que Edith Stein apresenta em seu livro “Uma investigação sobre o Estado”. Tal compreensão permitirá pensar em que medida e de que maneira a sociabilidade dos indivíduos em comunidades e como membros de um povo encontra-se em relação com o Estado e vê-se efetivamente compreendida por este.

Palavras-chave: Edith Stein; povo; Estado.

A COMUNIDADE ESTATAL NA PERSPECTIVA DE EDITH STEIN

José Mario Brasiliense Carneiro

Escola de Cidadania e Gestão Pública de São Paulo
jmbrasiliense@gmail.com

A obra de Edith Stein “Uma investigação sobre o Estado” foi publicada pela primeira vez em 1925, no Anuário de Filosofia e Pesquisa Fenomenológica editado por Edmund Husserl, na Alemanha. Trata-se da última obra de Stein precedente ao seu processo de conversão ao Cristianismo. A importância da obra para sua época consistiu em buscar descrever a estrutura essencial do Estado em lugar de formular uma nova “Teoria do Estado”. Graças ao método fenomenológico, Stein logrou desvelar os aspectos universais deste tipo complexo de agremiação social que podem ser reconhecidos em qualquer estrutura estatal moderna. Vale notar que a Alemanha de então vivia o impasse entre duas correntes ideológicas – o nacionalismo e o comunismo –, que buscavam a hegemonia do poder com a derrocada do Império. Lamentavelmente, a corrente nacionalista conquistou o governo, em 1932, por meio do Partido Nacional Socialista de Hitler. Em que pese o contexto político instável, o trabalho de Stein logrou, paradoxalmente, um brilhante resultado que em faz desta obra uma referência perene para compreensão dos fenômenos políticos. A obra está dividida em duas partes: I – A estrutura ôntica do Estado e II – O Estado sob perspectivas de valor. O objetivo deste trabalho será apresentar um resumo do parágrafo 1º da Primeira Parte com o título “A comunidade Estatal” com cinco subtítulos: “o Estado como formação social”; “sua relação com a massa, a comunidade e a sociedade”; “a relação com as formações sociais supraordenadas, subordinadas e de igual nível. Soberania”; “Estado e povo”; “a dimensão quantitativa da comunidade estatal”; “indivíduo e povo – Indivíduo e Estado”. Note-se ao ler estes títulos que o trabalho de Stein tem como ponto de partida aspectos antropológicos fundamentais descritos nas obras anteriores da autora. Os conceitos de comunidade, sociedade e massa são o ponto de partida para descrição dos fenômenos no seio da vida estatal. Partindo de sua acurada antropologia fenomenológica, fundada no estudo da empatia, Stein logrou com este livro percorrer um belíssimo caminho que parte da pessoa humana para chegar à comunidade estatal. Nesse percurso, os conceitos de povo e soberania revelam-se como marcas essenciais do Estado.

Palavras-chave: comunidade; povo; soberania.

MÍSTICA, PESSOA E SOCIEDADE

Juan Francisco Pinilla Aguilera

Pontificia Universidade Católica do Chile

Esta exposição procura explicar a relação intrínseca entre pessoa, mística e sociedade no pensamento de Edith Stein. Três realidades de grande relevância em suas obras cuja interação não é inteiramente evidente na modernidade secularizada, sendo, no entanto, essencial, na medida em que se incluem reciprocamente em uma correta realização. A hipótese desta reflexão é a de que a mística, concebida como profunda união e livre entrega recíproca entre a pessoa humana (espírito finito) e o Deus trino (espírito infinito), realiza plenamente, de um modo sacramental para a humanidade, o fundamento da pessoa humana, constituída essencialmente por essa ligação livre e nesta última fundada; vínculo que sustenta o núcleo duradouro de uma autêntica sociedade humana. A valorização da vida mística, como pré-realização de destino universal, respeitando sua própria singularidade indelével, ajudaria a conceber a experiência vivida da transcendência como valor constitutivo da pessoa humana na sociedade e como sentido último da procura de sua felicidade. Por essa razão, a mística constitui o solo seguro da dignidade humana, da convivência e do seu desenvolvimento.

Palavras-chave: mística; pessoa; sociedade.

CONCOMITÂNCIA NO SURGIMENTO DO ESTADO E DO DIREITO SEGUNDO EDITH STEIN

Juvenal Savian Filho

Universidade Federal de São Paulo
juvenal.savian@unifesp.br

Buscar-se-á apontar os elementos essenciais da percepção steiniana do Estado e do Direito como instituições não naturais, mas culturais, quer dizer, como criações humanas. Ter-se-ão em vista sobretudo as constatações steinianas de que, da perspectiva da essência, não existe Direito natural nem Estado que surja para dar corpo a um tal Direito.

Palavras-chave: Estado; Direito; Edith Stein.

NARRATIVA BIOGRÁFICA E FORMAÇÃO HUMANA EM EDITH STEIN: INTEGRANDO LUZES E SOMBRAS

Magna Celi Mendes da Rocha

Centro Universitário Católico Ítalo Brasileiro
magmendes123@yahoo.com.br

A questão da formação da pessoa humana é parte central das investigações de Edith Stein. Seu interesse por tudo o que é humano direcionam sua vida, suas escolhas, sua trajetória intelectual. Essa busca, no entanto, não acontece apenas de modo exterior, desconectado da sua existência, mas ela própria vivencia em primeira pessoa o processo formativo que deseja compreender e favorecer aos demais. Para Edith Stein, na pessoa harmonicamente formada, existe quietude, clareza e paz; tudo está em seu lugar. O caminho que ela trilha até esse ideal passa por um olhar reflexivo sobre seus defeitos, limites, em meio a crises existenciais, situações-limite e superações. Tendo como principais referências “Vida de Uma família Judia e outros escritos autobiográficos” (1933-1939/2018), “Sobre el concepto de formación” (1930/2003) e “La Structura dela persona umana” (1932-1933/2000), buscamos refletir sobre alguns episódios menos luminosos e pouco enfatizados por seus biógrafos, mas dos quais Edith Stein “faz memória”, no sentido agostiniano do termo, e deixa registrados para as futuras gerações: uma narrativa biográfica fluida e densa, ao mesmo tempo, marcada pela verdade e transparência. Ela não volta simplesmente ao passado, mas o traz para o lugar onde está (presente), atualizando-o, revivendo-o, fazendo, de fato, memória. Como foi evidenciado no prefácio de “Vida de Uma família Judia e outros escritos autobiográficos”, por Savian (2018), nesta obra, ela recupera um tipo clássico de narrativa em que o verdadeiro sujeito é o universal, não o particular. Em meio à sua narrativa biográfica, faz confissões de sua juventude, que poderia ter ocultado, caso tivesse interesse em preservar sua boa imagem. Revela o olhar penetrante sobre os defeitos alheios e o tom irônico, debochado e “deliciosamente malvado” com que apontava tais defeitos; faz memória também do “tédio de viver” que sentiu durante seus estudos doutorais e dos pensamentos suicidas que marcaram parte desse período, em seus momentos de solidão, diante da impotência de uma maior compreensão e clarificação pessoal de seu tema de estudo, a empatia. Aponta ainda os caminhos de superação que indicam um processo de amadurecimento em suas vivências. Ao ler trechos como esses em sua narrativa biográfica, deparamo-nos com uma vida assumida, reconciliada, que integra suas sombras, suas crises, não as escondendo, mas expondo-as para que sejam iluminadas e tornem-se vias de reconciliação na vida dos que têm contato com elas. Percebemos um processo formativo que atingiu a harmonia necessária e pôde contribuir para o crescimento e desenvolvimento dos demais. Um caminho trilhado que implicou autoconhecimento, autodomínio, até o dom total de si.

Palavras-chave: Edith Stein; biografia; formação humana.

O FEMININO NA OBRA “VIDA DE UMA FAMÍLIA JUDIA”: UMA ANÁLISE DO ESCRITO AUTOBIOGRÁFICO DE EDITH STEIN

Márcio Luiz Fernandes

Pontifícia Universidade Católica do Paraná
marcio.luiz@pucpr.br

As questões teóricas em torno do feminino foram examinadas por Edith Stein nos primeiros decênios do século XX na obra “A mulher”, em que ela nos oferece uma reflexão a partir da estrutura do ser humano, mostrando a necessidade da permanente articulação antropológica do masculino e feminino. Já nos chamados escritos autobiográficos e, em particular, na obra “Vida de uma Família Judia”, o exame das figuras femininas por ela destacadas permite perceber a intencionalidade política e prática de Stein no sentido de oferecer um retrato das vivências intersubjetivas no seio da família, da comunidade acadêmica e da vida social, propondo figuras de mulheres cujos relatos servem de estímulo para a atuação comunitária e política dos indivíduos. O método fenomenológico nos permite aqui elaborar uma reflexão que, de um lado, identifica as principais figuras femininas presentes no relato e, de outro, nos faz compreender um tipo de antropologia que se mostra atenta à estrutura complexa do ser humano. Em momento crítico para a Alemanha, marcada pela ideologia totalitária e pela propaganda racial de ódio com relação aos judeus, a apresentação da própria mãe como mulher forte em contraposição à visão socialmente difundida sobre a mulher como indefesa e incapaz torna o relato um manifesto fenomenológico para vencer os preconceitos e mostra aos de fora da comunidade judaica que as situações humanas vividas por eles não se diferenciava do modo de agir e viver de todo ser humano.

Palavras-chave: Edith Stein; feminino; autobiografia; antropologia dual.

A NOÇÃO DE “DIREITO PURO” EM EDITH STEIN COMO SUBSTRATO FENOMENOLÓGICO DE COMPREENSÃO DO DIREITO

Marcio Henrique Pereira Ponzilacqua

Faculdade de Direito de Ribeirão Preto

Universidade de São Paulo

marciorique@usp.br

O escopo da exposição é a consideração da noção de “direito puro” como elemento nuclear subjacente à fenomenologia do direito de Edith Stein e seus fundamentos ontológicos. O método fundamental é análise fenomenológica dos textos da autora acerca da formação do direito, notadamente aqueles concernentes à constituição da comunidade estatal. Nesse intuito, serão abordados conceitos fundamentais e convergentes presentes na obra da pensadora judia alemã, tais como: pessoa, comunidade, povo, nação e Estado, que permitem descortinar o sentido do “direito puro”. Ao mesmo tempo, há de se buscar discernir o desenvolvimento conceitual, como é empregado pela autora, cotejando-o com outras correntes do pensamento jusfilosófico. Como resultado principal obtido, evidencia-se que a noção de direito puro, como consta nos textos de Stein, propicia uma abertura da perspectiva existencial do direito, em chave metanormativa, o que implica a relativização dos sistemas positivados do Direito e a necessária compreensão axiológica subjacente para uma hermenêutica jurídica eficaz e duradoura. Em termos amplos, é possível concluir que, embora o Direito não seja elemento nuclear ou primordial dos estudos da filósofa, ela introduz discussões e aspectos suficientemente claros que permitem o desenvolvimento humanista da filosofia e da sociologia do Direito, capazes de fornecer críticas substanciais às formas de pensamento hegemônicas nesses domínios.

Palavras-chave: direito puro; metanormatividade; comunidade estatal.

A CONTRIBUIÇÃO DE EDITH STEIN À FUNDAÇÃO FENOMENOLÓGICA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Mette Lebech
Maynooth University

Em debate com Edmund Husserl e Max Scheler, Edith Stein explora singularmente aquele que lhe aparecia como objeto fundante das Ciências Sociais ou Humanas (à época chamadas de “ciências do espírito” – *Geisteswissenschaften*): a psique. Em “Causalidade psíquica”, a filósofa faz uma análise da psique, identificada como unidade constituída em todos os atos marcados pela *Lebenskraft*, a força vital observável, por exemplo, no vigor, no cansaço, na excitabilidade, no nervosismo, nos impactos negativos ou positivos das emoções etc. Conseqüentemente, a psique se apresenta ligada a algo como que uma “bateria” que se carrega com a recuperação de energia e se descarrega com o consumo dela (a economia da vida mental). A força vital também atua no dinamismo da intersubjetividade, podendo produzir relações pessoais e institucionais, com a formação de comunidades, sociedades e até mesmo de massas. Os meios de compartilhamento da força vital também seriam, assim, constitutivos das diversas formas de socialidade. A análise da constituição intersubjetiva (“a construção social”) depende de nossa capacidade de distinguir essas diferenças. Procurar-se-á mostrar, desse modo, que a dimensão social da psique suscita a ideia de causalidade social, tornando-se objeto de estudo das Ciências Sociais ou Humanas.

Palavras-chave: Edith Stein: fenomenologia; Ciências Sociais.

A MULHER COMO FORMADORA DA VIDA ESPIRITUAL

Patrícia Espíndola de Lima Teixeira

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
pp.patriciateixeira@gmail.com

O trabalho intenciona apresentar breves contribuições da pensadora Edith Stein (1891-1942) para a formação da vida espiritual. Esse é um tema nuclear na obra de Edith Stein. A partir do método de análise bibliográfica e documental, visite-se alguns escritos redigidos pela autora, após sua conversão ao catolicismo. Dentre esses, cita-se: as conferências sobre a mulher e as obras “A estrutura da pessoa humana” – “Der Aufbau der menschlichen Person”; “Ser finito e eterno: ensaio de uma ascensão ao sentido do ser” – “Endliches und ewiges Sein: Versuch eines Aufstieges zum Sinn des Seins”; “Uma mestra da educação e da formação: Teresa de Jesus” – “Eine Meisterin der Erziehung und Bildungsarbeit: Teresia von Jesús”; “O Castelo Interior” – “Die Seelenburg”. Evidencia-se conceitos fundamentais, tais como: a) espírito (*Geist*) como dimensão interior que interliga o intelecto, a razão e a vontade livre da pessoa; b) alma-espiritual (*Geistseele*), intersubjetiva e transcendente, encarnada no corpo vivenciado e historicamente posicionado em um “eu próprio” (*Leib*); c) a unidade pessoal com núcleo de interioridade (*Kern*), “alma da alma”; d) formação (*Bildung*), em que se reconhece a dinâmica multifatorial e diligente nos princípios da formação da personalidade humana como um processo de revelação (*Aufweis*) do ser que é finitude em natureza e infinitude em espírito. Na perspectiva do feminino cunhada nas bases da antropologia fenomenológica e teológica, a mulher é destacada como relevante formadora da vida espiritual. Edith Stein aponta para Teresa D’Ávila (1515-1582) com suas importantes contribuições formativas ao conhecimento do mistério divino presente na interioridade humana. Mais do que um conhecimento restrito ao intelecto, Edith requisita a experiência do Deus-Amor, habitante do interior da alma pessoal. Culmina-se com a visão de Edith Stein sobre Maria, Mãe do Verbo Encarnado, ao qual refere como paradigma de formação do feminino e de mulher que, como presença integrada – natureza e graça, contribui para a formação espiritual de todas as pessoas. Finaliza-se afirmando que a formação da vida espiritual não se configura como um caminho de privilegiados ou de retração do “eu” distanciado do comunitário e social. Ao contrário, a formação da vida espiritual amplia a (auto)consciência da interioridade habitada pela graça divina, possibilitando viver da fonte do Deus-Amor que é unidade e comunidade. Esse é um caminho disponível a todos e do qual, a presença feminina tem um papel *sui generis*.

Palavras-chave: Edith Stein; mulher; formação espiritual.

A QUESTÃO DA INTERSUBJETIVIDADE NA FENOMENOLOGIA: UM DIÁLOGO ENTRE EDITH STEIN E EDMUND HUSSERL

Scheila Cristiane Thomé

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
thome.scheila@gmail.com

Procurarei abordar as contribuições de Edmund Husserl e Edith Stein para questões relativas ao estatuto fenomenológico da intersubjetividade, em especial, buscando apresentar como ambos os autores solucionam o problema do solipsismo ao explicitarem, em termos fenomenológicos, como é constituída a experiência de apreensão de outro ego pelo ato de empatia. O próprio Husserl se dá conta do “fantasma do solipsismo” que paira em torno da sua fenomenologia depois de esta ser caracterizada como uma “egologia transcendental” após a obtenção do eu transcendental pelo processo de redução transcendental proposta por Husserl em “Ideias I” de 1913. Para tematizar a possibilidade de uma superação do problema do solipsismo na fenomenologia de Husserl e Stein, discutirei como o processo de empatia é pensado pelos autores, apontando para o fato de que, para ambos, o processo de empatia se dá a partir da colocação em prática da redução à esfera de propriedade (*Eigenheit*) do eu que apresenta como seu resíduo fenomenológico o corpo próprio (*Leib*). A partir da efetivação da redução à esfera de propriedade do eu, torna-se possível, para Husserl e Stein, explicitar que é a partir da apreensão perceptiva do corpo próprio de outro eu que constituo o sentido do alheio para mim. Para os autores, essa apreensão de um *alter ego* sempre se dá como apresentação (*Appräsentation*) mediata, de modo que nunca pode ser dada de modo imediato e pleno. A partir de tal explicitação sobre a apreensão do outro eu pela empatia, Husserl e Stein apresentam uma concepção de intersubjetividade que alarga a compreensão da esfera da subjetividade. Do mesmo modo que oferece uma resposta ao problema do solipsismo, também o conceito de intersubjetividade é pensado agora em um território estritamente transcendental. Por fim, buscarei discutir quais são as contribuições sobre o conceito fenomenológico de intersubjetividade dadas por Husserl e Stein aos seus projetos filosóficos. Para a realização de tal empreitada, discutirei os textos husserlianos “Ideias II”, “Meditações cartesianas” e “Sobre a fenomenologia da intersubjetividade” e o texto “Sobre o problema da empatia” de Edith Stein.

Palavras-chave: Edith Stein; Edmund Husserl; fenomenologia; intersubjetividade.

INTERSUBJETIVIDADE COMO FUNDAMENTO DA COMUNIDADE

Ursula Anne Matthias

Universidade Federal do Ceará
ursula_matthias@yahoo.com.br

Na fenomenologia de Husserl, a intersubjetividade é fundamental a fim de evitar o solipsismo gnosiológico. Para superar a falácia de considerar o próprio eu como única realidade, Edith Stein atribui uma grande importância aos outros sujeitos cujas vivências testemunham uma realidade independente da consciência do indivíduo. Os diferentes sujeitos vivenciam comunitariamente o mesmo mundo, sendo que o fundamento da experiência intersubjetiva é a empatia (ESGA 5), enquanto condição da possibilidade do conhecimento de um mundo que existe além dos limites de uma consciência individual. Dessa forma, a própria visão do mundo pode ser enriquecida e completada a partir das outras subjetividades. Por meio da intersubjetividade constitui-se a comunidade, visto que a comunidade se origina a partir de vivências comunitárias. A natureza humana permanece incompleta e incompreensível se não for inserida num contexto humano maior, qualificado como comunidade. Desse modo, a maneira como cada um pertence e participa do mundo social é um dos fatores determinantes para o desenvolvimento e a constituição de todo o ser corpóreo, anímico, intelectual e espiritual de cada um. As vivências comunitárias constituem a comunidade, embora tenham origem nos eus individuais que pertencem à comunidade (ESGA 6, p. 114). Para aclarar o conceito de intersubjetividade, utilizaremos “As Conferências de Paris”, de Husserl, que nos permitem mostrar como a subjetividade transcendental se alarga em intersubjetividade por meio de um espelhamento no *alter ego*. Esta problemática está à origem da tese de doutorado “Sobre o problema da empatia”, de Edith Stein, e é desenvolvida ulteriormente em “Causalidade Psíquica” e, principalmente, em “Indivíduo e Comunidade”. Por isso, serão apresentadas as pesquisas pertinentes de Stein acerca da constituição das vivências comunitárias a partir das vivências individuais compartilhadas intersubjetivamente. Em último lugar, acenaremos como a intersubjetividade é fundamental para compreender a filosofia social de Edith Stein, estabelecendo a importância deste conceito para obras posteriores, principalmente o capítulo VIII de “A Constituição da pessoa humana” (ESGA 14).

Palavras-chave: Edith Stein; intersubjetividade; comunidade.

**VI SIMPÓSIO
INTERNACIONAL
EDITH STEIN**



**PESQUISAS
APRESENTADAS**

O CONCEITO DE EMPATIA NO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DA PESSOA HUMANA

Ana Beatriz Gobbo de Brito Sousa

Universidade Federal do ABC
anabebrito@gmail.com

Fernando Costa Mattos

Universidade Federal do ABC
fcmattos1974@gmail.com

O principal objetivo de nossa pesquisa consiste em investigar o conceito de empatia, tal como desenvolvido por Edith Stein na obra “Sobre el problema de la empatía”, bem como sua relação com a noção integral de pessoa humana. Inicialmente, destacamos a aproximação da filósofa em relação ao seu mentor, Edmund Husserl. Ambos abordam a empatia como uma estrutura sintética que desempenha um papel crucial na unificação das percepções subjetivas e, simultaneamente, como uma condição essencial para a existência de um mundo intersubjetivo. No entanto, é importante destacar a originalidade de Stein ao ampliar a discussão focada inicialmente na epistemologia para abordar questões relevantes no campo da antropologia filosófica. Para isso, nos baseamos na leitura do livro “Sobre el problema de la empatía” (“Zum Problem der Einfühlung”) (2004), na versão em espanhol, visto que não há tradução para o português, e consultamos outras referências relevantes para a análise de nossa obra principal, as quais dialogam diretamente com o tema da empatia, como, por exemplo, “Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica” (2006) de Husserl. Por se tratar de uma pesquisa ainda em andamento, por ora realizamos um levantamento das concepções de empatia com as quais Stein dialogou no início da obra, mais especificamente com Theodor Lipps e Max Scheler. Daremos sequência à pesquisa a partir do livro III, no qual a filósofa caracteriza o indivíduo psicofísico valendo-se da noção de corpo próprio e da aproximação entre as instâncias material e espiritual. A diferenciação desses conceitos nos ajudará a situar o quadro teórico articulado por Stein ao longo da tese no interior da qual a empatia é compreendida como um ato espiritual. Delimitados esses conceitos basilares, pretendemos avançar na caracterização do ato empático, investigando a constituição do indivíduo nos papéis específicos que ele ocupa nessa vivência: como aquele que empatiza e aquele que é empatizado.

Palavras-chave: antropologia filosófica; empatia; pessoa humana.

PESSOA HUMANA E COMUNIDADE EM EDITH STEIN: A RELAÇÃO ENTRE INDIVIDUALIDADE E COMUNIDADE

Anderson Rodrigues Ferreira

Faculdade Católica de Fortaleza
anderson.rf2023@gmail.com

Ursula Anne Matthias

Faculdade Católica de Fortaleza
ursula_matthias@yahoo.com.br

A relação pessoa humana e comunidade está ambientada no horizonte da interrogativa “O que é o homem?”, como uma máxima da qual nenhum ser humano pode escusar-se. As atrocidades de proporções mundiais e os conflitos ideológicos que marcaram o século XX trouxeram, com maior veemência, ao centro da reflexão filosófica, a problemática acerca do homem e sua relação com os outros indivíduos. Em decorrência dessas eventualidades, lacunas abissais na compreensão sobre o ser humano foram provocadas, pondo em conflito a individualidade humana e a vida em comunidade. O presente trabalho apresenta como tema: “Pessoa Humana e Comunidade em Edith Stein: a relação entre individualidade e comunidade”. Ele baseia-se, portanto, no pensamento de Edith Stein, filósofa alemã do século XX, que, em seu percurso antropológico-fenomenológico, analisou de forma holística o fenômeno da pessoa humana. Segundo Stein, um ponto imprescindível para a compreensão do homem na sua totalidade é a relação da pessoa humana com a comunidade: “como conciliar as relações comunitárias e o desabrochar da individualidade humana, sem que uma aniquile a outra?”. Esta era uma interrogação urgente que Edith Stein buscou responder com base em sua própria experiência. No presente trabalho, fez-se uma breve contextualização dos pressupostos e do cenário filosófico no qual se desenvolveu o pensamento steiniano, além de apresentar alguns elementos biográficos relevantes para o estudo. Por conseguinte, apresenta-se a pessoa humana – em sua constituição universal segundo o método fenomenológico – assim como uma exposição sobre sua individualidade, suas vivências espirituais e empáticas e discorre-se sobre o núcleo pessoal – como fundamento da individualidade e princípio identitário. Em seguida, apresenta-se um excuro sobre a vida associativa e a concepção de comunidade conforme a autora. Por fim, explicita-se como Edith Stein procurou uma forma de conciliar individualidade e comunidade, de modo que ambas pudessem ser compreendidas em interdependência e harmonia, sem que uma subjogue ou suprima a outra.

Palavras-chave: pessoa humana; comunidade; individualidade.

NAUSEAR E TRANSCENDER: SITUANDO A SUBJETIVIDADE DISSOLVIDA NA COLETIVIDADE: APROXIMAÇÕES ENTRE EDITH STEIN E JEAN-PAUL SARTRE

Caique Jasley Rosa Nascimento

Faculdade Palotina
caiquejasleyservo12@gmail.com

Bruno Martinez Portela

Faculdade Palotina
portelafilosofia@gmail.com

Segundo interpretações tradicionais, existem estruturas complexas que desempenham um papel na construção, reconstrução e modelagem de nossa subjetividade coletiva. Já numa leitura contemporânea, dois elementos aparecem como fundantes: o sentido e a transcendência. Dessa forma, pretende-se, neste artigo, analisar os critérios propostos por Edith Stein (1891-1943) para pensar a subjetividade embrenhada no contexto do Estado e sua relação com o pensamento de Jean-Paul Sartre (1905-1980) por meio de sua sistematização ontológica do Para-si. Analisar como o contexto social e político afeta a identidade pessoal e a coletividade na comunidade é perceber que o processo de nauseamento alienante proposto pelo filósofo francês emerge como uma força ofuscante capaz de retirar o sentido das coisas e das relações. Para tanto, defendemos que tal categoria sartreana, enquanto elemento preenchido de liberdade e responsabilidade, desemboca numa consciência concreta sobre a conjectura de que a natureza humana, em sua conspícua dinamicidade, apresenta realidades complexas para as experiências na comunidade. A partir das proposições de Stein (1970), para quem a pessoa humana não se distancia do binômio singularidade e alteridade, busca-se, por meio de uma análise bibliográfica e hermenêutica, examinar as semelhanças entre os dois filósofos com o objetivo de identificar os elementos da subjetividade que podem representar obstáculos para a cidadania e a coletividade. Nesse contexto, as considerações de Alfieri (2014) mesclam as comparações históricas entre ambos, cujas obras se inserem em um contexto histórico do século XX, o que facilita o diálogo e as discussões relacionadas ao aporte teórico. As semelhanças entre Sartre (2006) e a filósofa alemã fundamentam-se no ponto de convergência que une essas duas perspectivas, ou seja, a capacidade do ser humano de transcender seu Eu individualista (Em-si) e avançar em direção à liberdade e à autenticidade indissociáveis ao indivíduo em comunidade, como defende Stein. Se o Estado dissolve a subjetividade na coletividade, um fechamento (Em-si) pode afetar a identidade individual. Diante disso, é plausível que a perspectiva religiosa de Stein surja como uma resposta à conduta individualista do indivíduo. Essa perspectiva ora revela a “má-fé”, ora revela que a

VI SIMPÓSIO INTERNACIONAL EDITH STEIN

Pessoa, comunidade, sociedade e Estado: dimensão relacional na fenomenologia de Edith Stein

liberdade é um elemento que possibilita ao indivíduo transcender seu egoísmo e encontrar significado ao se considerar parte da comunidade.

Palavras-chave: subjetividade na coletividade; Edith Stein; Jean-Paul Sartre.

A ORIGINALIDADE DO CONCEITO DE CORPO VIVO EM EDITH STEIN E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA UMA FENOMENOLOGIA CRÍTICA

Camila Palhares Barbosa

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
camilabarbosa.ri@gmail.com

Agemir Bavaresco

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
abavaresco@pucrs.br

O presente trabalho se propõe a tematizar a noção de corpo vivo no pensamento de Edith Stein e demonstrar aspectos precursores e seu potencial para o desenvolvimento do campo recente da fenomenologia crítica. Seguindo a divisão husserliana de corpo objetivo (*Körper*) e corpo vivo (*Leib*), Stein procura estabelecer a dualidade constitutiva na qual o corpo é apresentado. Com isso, a experiência vivida do corpo sensitivo não pode ser reduzida à observação do corpo objetivo da mera perspectiva de sua exterioridade, pela qual se manifesta o papel expressivo dos sentimentos e da empatia vivenciados na interioridade. A fenomenologia crítica – referimo-nos aqui aos pensamentos de Magrí e Guenter – tem se voltado para a noção de corpo habitual, seguindo as contribuições de Merleau-Ponty, considerando como esse corpo é constituído e mediado por normas sociais e institucionais, especialmente a partir de experiências identitárias como gênero, raça e sexualidade. Assim, a fenomenologia crítica investiga, inspirada nas descrições fenomenológicas de autores como Linda Alcoff, Iris Young e Frantz Fanon, como aspectos visíveis do corpo objetivo, especialmente gênero e raça, não podem ser reduzidos à sua aparência dada na exterioridade, mas são constituídos como elementos de significação do corpo vivo. Ao analisar a filosofia de Stein, o presente trabalho pretende apresentar como as vivências expressivas do corpo vivo relativas a sentimentos podem contribuir para investigações das experiências corporificadas de gênero e raça desenvolvidas na fenomenologia crítica. Busca-se, desse modo, argumentar sobre a originalidade e a importância do conceito de corpo vivo em Stein.

Palavras-chave: corpo; Edith Stein; fenomenologia crítica.

A FENOMENOLOGIA EM HANNAH ARENDT

Carlos Roberto de Melo Almeida

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
almeidacrm@hotmail.com

Gabriel Ferreira da Silva

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
gabrielferreira@unisinos.br

A relação entre Hannah Arendt (1906-1975) e a tradição fenomenológica está entre as questões mais disputadas em sua recepção recente. Contudo, o embate não se concentra sobre o contato da filósofa com a fenomenologia, uma vez que sua formação e biografia apontam claramente nessa direção: além de frequentar as aulas de Martin Heidegger e Edmund Husserl, o diálogo com autores da tradição fenomenológica, tais como Merleau-Ponty e Sartre, é frequente em seus textos. A questão mais disputada é o quanto a fenomenologia permanece relevante no desenvolvimento das principais ideias que compõem sua filosofia política, campo de sua maior recepção. Nesse sentido, este trabalho objetiva apresentar as leituras mais recentes em torno da obra da filósofa alemã, as quais apontam a dimensão e o sentido fenomenológico das noções de “trabalho”, “obra” e “ação”, abordadas na publicação de 1958, “A condição humana”. Assim, propõe-se uma revisão bibliográfica da produção mais recente, a fim de destacar a presença de pressupostos próprios da tradição fenomenológica, os quais permitirão, por sua vez, expandir o campo da recepção da autora alemã. A hipótese desse trabalho é de que, ao explicitar os comprometimentos teóricos de Hannah Arendt com a fenomenologia, é possível oferecer subsídios para repensar o lugar da autora no cômputo geral da história da filosofia.

Palavras-chave: Hannah Arendt; fenomenologia; história da filosofia.

MAS, AFINAL, DE QUE TIPO DE FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL ESTAMOS FALANDO? EDITH STEIN TEM MUITO A ENSINAR SOBRE EDUCAÇÃO

Danilo Cortez Gomes

Instituto Federal de Educação, Ciência
e Tecnologia do Rio Grande do Norte
danilo.cortez@ifrn.edu.br

Inúmeras instituições educacionais pelo Brasil que ofertam Educação Básica, Fundamental, Ensino Médio, Ensino Profissionalizante e Ensino Superior têm a formação humana integral como um dos pilares dos seus projetos políticos pedagógicos que deveriam se concretizar em suas atividades e práticas pedagógicas, o que pressupõe uma busca pela compreensão ampla do ser humano em sua integralidade. No entanto, o cenário educacional atual se caracteriza mais por fragmentações do que por uma visão integrada do indivíduo com suas especificidades, gerando uma visão míope, estreita e fragmentada que se revela nas práticas e propostas educacionais dissonantes, isto é, a teoria nem sempre coaduna com a prática. Este trabalho surgiu a partir de um questionamento: Mas, afinal, de que tipo de formação humana integral estamos falando? Desse modo, foi feita uma investigação, com base na obra de Edith Stein, sobre seu pensamento no que diz respeito à formação humana integral. Assim, esta pesquisa bibliográfica busca colaborar com as discussões no meio científico que tratam de questões educacionais e pedagógicas, visto que a filósofa alemã compreende o processo formativo em diversos âmbitos – psicológico, pedagógico, filosófico e antropológico – o que não raramente se contrapõe ao que encontramos nas práticas educacionais e pedagógicas da atualidade. A concepção de formação humana integral conforme o pensamento steiniano vai muito além da visão pragmática e tecnicista dos modelos educacionais vigentes em muitas instituições de ensino, mesmo que estas enfatizem a formação humana integral em seus projetos políticos pedagógicos. Por fim, vale reiterar que Edith Stein entende a pessoa humana em sua forma integrada através das várias características que compõem o ser humano, considerando-o em sua totalidade e não como um indivíduo fragmentado. De fato, Edith Stein tem muito a ensinar sobre educação.

Palavras-chave: formação humana integral; educação; Edith Stein.

EDITH STEIN: RECEPÇÕES E DISPUTAS NO PROCESSO DE CANONIZAÇÃO

Danilo Souza Ferreira

Universidade Federal de Ouro Preto
danilosf1901@hotmail.com

Marcelo Santos de Abreu

Universidade Federal de Ouro Preto
marcelo.abreu@ufop.edu.br

Nesta comunicação, buscaremos apresentar a recepção jornalística e editorial da intelectual e religiosa Edith Stein. Este trabalho se justifica por apresentar como ocorreu a recepção da intelectual carmelita Edith Stein, por meio da produção não acadêmica mais pública, que é jornalística, especialmente nos setores de cultura e criação das editoras brasileiras, durante as décadas de 1970 e 1980, em que buscaram destacar debates em torno da história política e social brasileira e, ao mesmo tempo, questões em torno das expressões da experiência religiosa do Judaísmo e do Cristianismo na cultura brasileira, buscando analisar as matérias jornalísticas em torno da recepção biográfica de Edith Stein, em especial sobre três aspectos: o processo de beatificação e canonização de Santa Edith Stein; a visita do Papa João Paulo II; e a recepção das primeiras obras escritas de Stein nas editoras brasileiras.

Palavras-chave: recepção; história intelectual; imprensa.

A TEOLOGIA DA GRAÇA E A ÊNFASE NO AMBIENTE COMO ATMOSFERA DIVINA

Eliseu Lucas Alves de Oliveira

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
eliseulucas523@gmail.com

Luiz Carlos Susin

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
lcsusin@puccrs.br

O artigo tem como tema a “Teologia da Graça e a ênfase no ambiente como atmosfera divina”. O método utilizado é da pesquisa bibliográfica. O artigo é dividido em seis seções. Na primeira seção, retoma-se o que se entende por graça, ou seja, a inclinação de Deus para com a sua criação, sua autocomunicação. Na segunda seção, há um breve relato da compreensão da graça em pontos importantes da história. Na terceira seção, reflete-se sobre o conceito de natureza na sua fragmentação cartesiana-newtoniana e no paradigma holístico e ecológico atual advindos de ciências como: física relativística, física quântica, teoria da evolução, história da terra e paradigma da complexidade (que utiliza a teoria geral dos sistemas, a teoria da informação e a cibernética) . Na quarta seção, adentra-se na reflexão contemporânea que leva em conta o ambiente como componente necessário para entender o processo de confecção das identidades, em especial, na psicanálise, em que o cuidado materno é o ambiente para o bebê (Ferenczi, Winnicott, Bollas) e nas pesquisas biológicas que afirmam que o ambiente influencia na ativação das potencialidade do código genético, na ciência denominada epigenética. Na quinta seção, leva-se em conta o paradigma ambiental e afirma-se a graça como atmosfera divina agindo como causa externa-interna, seguindo as reflexões de Leonardo Boff. E, na sexta seção, propõe-se a graça como espaço vital da presença de Deus pelo Seu Espírito, utilizando as reflexões da teologia da criação de Moltmann, da autocontração de Deus no início (*zimzum*) e da descontração e plenificação escatológica na parusia, quando o tempo é plenificado pela eternidade, o profano é assumido pelo sagrado e a natureza é plenificada pela graça.

Palavras-chave: graça, ambiente, atmosfera divina.

CONTRIBUIÇÕES FENOMENOLÓGICAS DE EDITH STEIN PARA A PSICOLOGIA CLÍNICA: COMUNIDADE, CONJUGALIDADE, SUBJETIVIDADE E SINGULARIDADE

Eunides Almeida

Instituto de Ensino e Pesquisa Renate Jost de Moraes,
Fundação de Saúde Integral Humanística, Faculdade Alis
eunidesalmeida@gmail.com

Maria Clara Jost

Instituto de Ensino e Pesquisa Renate Jost de Moraes,
Fundação de Saúde Integral Humanística, Faculdade Alis
mariaclarajost@gmail.com

Este trabalho tem a proposta de trazer reflexões teórico-fenomenológicas articulando os resultados das análises fenomenológicas de Edith Stein sobre a Pessoa Humana aos resultados alcançados nas pesquisas empírico-fenomenológicas das autoras realizadas no pós-doutorado em Psicologia (UFU-MG). Com esse objetivo, ressaltam-se temas peculiares e interrelacionados, que apresentam elementos constitutivos do humano que estão relacionados à subjetividade, à conjugalidade e à comunidade, em suas estruturas essenciais. Em especial, destacam-se descrições das vivências psicológico-fenomenológicas (universal) que são originárias nas vivências psíquico-empíricas (singular) que compõem, assim, a estrutura e o processo de autoformação. As pesquisas em questão utilizaram-se do método fenomenológico-empírico aplicado à Psicologia segundo orientações de Giorgi e Souza com as alterações propostas por Goto. Os critérios de inclusão foram pacientes com diagnóstico depressivo e casais com dificuldades relacionais que aceitaram fazer parte da pesquisa; os de exclusão foram os que não possuíam este perfil. Cabe ressaltar que Edmund Husserl, em sua obra “Psicologia Fenomenológica” (1925-1928), expõe a necessidade e a urgência de uma nova psicologia: a psicologia fenomenológica, enquanto ciência das formas e leis mais gerais da vida psíquica e espiritual. Nesse âmbito, indica que a Psicologia Fenomenológica deva diferenciar-se radicalmente do restante das ciências do espírito (humanas e sociais) e, igualmente, das Ciências da Natureza, apresentando-a como o fundamento sobre o qual uma psicologia rigorosamente científica possa ser construída. Husserl apresenta caracteres-chave desta psicologia fenomenológica: o *a priori*, o eidético, a intuição ou a descrição pura e a intencionalidade. Edith Stein, por sua vez, partindo das definições das três grandes regiões ontológicas do ser – corpo próprio, psique e espírito – analisou a articulação da estrutura da subjetividade transcendental à vivência da pessoa concreta, inserida em uma cultura, uma comunidade e um núcleo familiar particular, o que abrange também questões de caráter transgeracional, conduzindo sistematicamente o projeto de seu mestre. É necessário destacar que, no

VI SIMPÓSIO INTERNACIONAL EDITH STEIN

Pessoa, comunidade, sociedade e Estado: dimensão relacional na fenomenologia de Edith Stein

percurso de investigação empírico-fenomenológica, foi identificada a presença do eu psicoespiritual que, para Stein, é o modo próprio, criativo e livre do eu de configurar sentidos subjetivos e objetivos sobre si mesmo, o outro e o mundo, desde as primeiras relações intersubjetivas – ainda no ventre materno –, configurando-se, nesse contexto, o fundamento para as relações de conjugalidade e de parentalidade na formação do si mesmo. Nesse conjunto, Stein ressalta que o eu pessoal tem o poder de autoconfigurar e “condicionar” os estados psicofísicos e psicoespirituais de seu ser; logo, seguindo o mesmo argumento, ele tem também o poder de reconfigurá-los. Observa-se, nos resultados dessas pesquisas, que as contribuições steinianas, destacando-se os temas acima mencionados, são fundamentais e indispensáveis para a fundamentação de uma Psicologia Fenomenológica e mais especificamente para uma Psicologia Clínica, enquanto intervenção psicoterapêutica que promove – implícita ou explicitamente – a possibilidade de mudança de um eu que constantemente ajuíza e valora o seu si mesmo e o seu entorno existencial, reconsiderando o sentido do sofrimento psíquico. Conclui-se, assim, sobre a necessidade para a Psicologia, enquanto ciência da psique propriamente humana, considerar o ser humano em sua liberdade e integralidade, ou seja, abarcando as vivências corpóreas, psíquicas e espirituais, como fundamento antropológico e metódico, tal como prescrevem Husserl e Stein; bem como reconhecer a dimensão psicoespiritual como ponto de origem não somente para a compreensão da pessoa, mas também como condição de possibilidade para qualquer transformação de si mesmo e conseqüentemente do mundo intersubjetivo e comunitário.

Palavras-chave: psicoterapia; psicologia fenomenológica; pesquisa empírico-fenomenológica; intersubjetividade.

“JESUS CRISTO, QUANTO À SUA HUMANIDADE, TEM A MESMA CARNE QUE TEM O HOMEM NEGRO”: O ARGUMENTO ANTROPOLÓGICO DE DOM SEBASTIÃO DIAS LARANJEIRA PARA A LIBERTAÇÃO DOS ESCRAVOS

Fabiano Glaeser dos Santos

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
fabiano.glaeser@gmail.com

Roberto Hofmeister Pich

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
roberto.pich@pucls.br

Dom Sebastião Dias Laranjeira, segundo bispo da Diocese de São Pedro do Rio Grande do Sul, de 1861 até sua morte, em 13 de agosto de 1888, pertencia à geração de bispos ultramontanos, alinhados com o Papado e as determinações vindas de Roma, e dispostos a reformar a vida do clero e lutar pela independência da Igreja diante da ingerência do poder estatal nas questões eclesiais. No Brasil, os bispos ultramontanos se posicionaram claramente contra a escravidão, ainda que de forma discreta. As dioceses brasileiras tinham jornais católicos, através dos quais transmitiam as notícias eclesiais locais e mundiais e difundiam suas ideias, combatendo os inimigos da fé católica. Foi através desses jornais, principalmente, que os bispos ultramontanos combateram a escravidão, ou através de cartas pastorais, e também empreendendo muitas ações para angariar fundos que foram utilizados para comprar a alforria de escravos. O mesmo fez na Diocese de São Pedro do Rio Grande do Sul o bispo Dom Sebastião. A presente comunicação tem o objetivo de analisar um texto publicado no jornal “Estrella do Sul”, órgão de imprensa da Diocese, onde há uma defesa da liberdade dos escravos partindo de dois argumentos: a caridade cristã e o ato da encarnação, pois, com este, Jesus adquiriu a mesma carne dos escravos. Serão apresentadas igualmente outras ações e argumentos de Dom Sebastião utilizados no texto em questão e em outros, como a carta pastoral de 1887, por ocasião do cinquentenário de ordenação sacerdotal do Papa Leão XIII.

Palavras-chave: ultramontanismo; abolicionismo; antropologia cristã; escravidão; imprensa católica.

A EMPATIA COMO ELEMENTO EDUCATIVO A PARTIR DA VERDADE E TRANSCENDÊNCIA: ENSINO DE FILOSOFIA COMO ENTENDIMENTO DO EU EM EDITH STEIN E MARTIN BUBER

Flávio Marcílio Cavalcante Silva

Instituto Federal de Alagoas
flavio.cavalcante@ifal.edu.br

Alfredo de Oliveira Moraes

Instituto Federal de Alagoas
alfredodeoliveiramoraes@gmail.com

O tema deste trabalho é a questão da empatia como elemento de captação do sujeito humano enquanto pessoa que apreende a verdade, sendo transcendente e não apenas uma manifestação imanentista. Dessa forma, pode-se conceituar empatia como um reconhecimento de intersubjetividades a partir de outros “eus” que também existem com o outro para o Outro. A pesquisa é de caráter qualitativo e quantitativo, pois está sendo feita por meio de formulário (da plataforma Google), entre os estudantes de Ensino Médio Técnico, e que avalia, no *campus* do Instituto Federal de Alagoas, em Maragogi, a realidade da existência do diálogo (Este tomado como relação e postura de encontro do meu ser com uma outra pessoa, que é sujeito. Nesta interação, eu me apreendo desta forma a partir de um encontro com um “tu”) e da empatia entre eles, deles com os servidores e os resultados destas. O intento é aferir se existem as realidades citadas, nos diversos momentos e a partir das pessoas que pertencem ao ambiente escolar mencionado. As referências são Stein e Buber, mas também autores como Woytila. Deste autor, tiramos o conceito de pessoa. Um sujeito humano é uma pessoa capaz de agir e conscientizar-se desse atuar. É irrepetível, tem uma dignidade única e uma marca essencial da dialogicidade. A apreensão da verdade é o ponto que desejamos ver como fundamento do sujeito em sua dignidade e não o seu uso ideológico dentro do contexto educacional. Este sendo visto como uma interação de identificação do outro enquanto sujeito humano de uma profundidade e realidade únicas e marcantes.

Palavras-chave: pessoa; empatia; diálogo.

EDITH STEIN E O CONCEITO DE EMPATIA PROPOSTO POR THEODOR LIPPS: POSSIBILIDADES DE INTERPRETAÇÃO DA CRÍTICA STEINIANA

Gabriel da Costa Mendes

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
freigabrielocd@gmail.com

Fabio Caprio Leite de Castro

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
facaprio@hotmail.com

O tema da empatia foi central na discussão filosófica do início do século XX, em especial no horizonte fenomenológico. O primeiro autor a sistematizar o conceito de empatia foi Theodor Lipps, sendo profundamente estudado por filósofos como Edmund Husserl, Edith Stein e Max Scheler. Naquele momento, para falar sobre empatia, era preciso partir de Lipps e distanciar-se deste autor, tecendo críticas ao seu modo de compreender a experiência das vivências alheias. Este trabalho, baseado em pesquisa bibliográfica, tem o objetivo de explicitar o núcleo da teoria sobre a empatia de Theodor Lipps e mostrar como Edith Stein distanciou-se desse autor, em especial na sua crítica à teoria da imitação e na compreensão de Lipps da empatia como um tipo de unidade entre o sujeito da empatia e a pessoa observada. Alguns autores atuais, como Timothy Burns, ponderam que Lipps não defende uma união provocada pelos atos empáticos a ponto de não haver distinção entre observador (sujeito que empatiza) e observado (pessoa empatizada). Com o resultado desta pesquisa, entende-se que os autores daquela época, como Stein, Husserl e Scheler, familiarizados com os escritos de Lipps, interpretaram que este filósofo tendia a compreender que a empatia geraria essa unidade; porém novas releituras, baseadas também em escritos de seguidores de Lipps, como Moritz Geiger, atenuam essa compreensão.

Palavras-chave: Edith Stein; empatia; imitação; Theodor Lipps; união.

POR UMA ABORDAGEM FILOSÓFICA DA MÍSTICA: APROXIMAÇÕES ENTRE EDITH STEIN E JEAN LADRIÈRE

Gustavo Silvano Batista

Universidade Federal do Piauí
gustavosilvano@ufpi.edu.br

Maycon Silva Santos

Universidade Federal do Piauí
maycon.silva@ufpi.edu.br

A relação entre filosofia e mística é um traço comum entre as filosofias de Edith Stein e Jean Ladrière. É neste sentido que, no seguimento de Edith Stein, o questionamento filosófico não pode ter receio de se abrir aos conteúdos provenientes da fé cristã, nos moldes de uma experiência mística decisiva; pois, tais conteúdos trazem, ao mesmo tempo, a primazia e a última palavra sobre a Verdade de Fé. Ao mesmo tempo, para Jean Ladrière, a razão humana não pode ignorar a revelação cristã no caminho filosófico da busca da Verdade, problema comum entre fé e razão, já que tal busca não poderia ser pensada a não ser de forma notadamente mística. Assim, a partir da confluência teórica entre esses dois autores, a presente comunicação pretende mostrar a relevância da mística para o questionamento filosófico atual. Busca-se, portanto, aprofundar a perspectiva filosófica da mística, tal como ambos pensadores a consideraram, evidenciando os sentidos da experiência mística, salientando as perspectivas especulativa, misteriosa e profética, tal como foi teorizado por Lima Vaz; tais aspectos salientam traços fundamentalmente filosóficos da mística, tendo em vista o contexto da relação entre fé e razão. A tarefa de pensar o momento místico comum a Stein e Ladrière objetiva evidenciar a relevância filosófica da mística na relação com a fé cristã e a Palavra revelada, como uma experiência que não pode ser ignorada pela razão humana.

Palavras-chave: mística; fé; razão; experiência.

O DECLÍNIO DA QUALIDADE DOS MATERIAIS DIDÁTICOS E A FORMAÇÃO DA ALMA HUMANA

Janaína Mourão Freire Gori Felipe

Universidade de Brasília
janaina@educaethos.com.br

Este artigo visa mostrar a importância do resgate de bons materiais didáticos, verdadeiramente formativos, ou seja, que possuam aquilo que Edith Stein considera como o elemento imaterial que se conecta à alma humana, na prática docente. Ao longo da tese de doutorado, analisamos o vínculo da pessoa humana com a cidade histórica mineira e posteriormente ampliamos o estudo para o vínculo com a cultura repassada por meio da literatura e materiais didáticos. Esta segunda parte segue em andamento e é o que buscamos apresentar no presente artigo. O método de pesquisa é essencialmente fenomenológico, incluindo o exercício de colocar a teoria de Edith Stein em diálogo com outros autores considerados consonantes e também com dados nacionais sobre a educação. Analisamos os elementos constituintes dos materiais didáticos que atuam na formação humana, demonstrando sua transformação ao longo do tempo, até os dias atuais. Edith Stein explica que, quando nos relacionamos com o mundo, captamos algo de imaterial das coisas, e é precisamente isso que atua na nossa formação. Os órgãos espirituais estão diante de um mundo de coisas e estas podem dar significado ao mundo interior, como um alimento para a alma. Esses objetos significativos são denominados como objetos de valor ou bens culturais. A autora explica que uma parte do mundo espiritual está presa a essas coisas e é assimilada no interior da alma, passando a fazer parte dela. A alma tem os órgãos de recepção necessários para se formar: sentidos e intelecto. As conclusões preliminares da pesquisa indicam os tipos de declínio sofridos pelos materiais, como: relativização, carência de interdisciplinaridade e superficialidade. Verificamos que a qualidade está totalmente ligada ao declínio da formação da pessoa humana, nos chamando atenção para a importância de refletirmos não apenas sobre a prática docente, mas sobre os recursos didáticos utilizados.

Palavras-chave: bens culturais; material didático; formação humana.

EDUCAÇÃO FORMAL E CATEQUESE:
DIÁLOGOS COM EDITH STEIN SOBRE
A ESSÊNCIA DA FORMAÇÃO HUMANA

Karina da Rocha Hastreiter

Universidade Internacional Iberoamericana
krhastreiter@hotmail.com

Ariél Philippi Machado

Pontifícia Universidade Católica do Paraná
proff.ariel@gmail.com

Sissiliana Bethania del Rocio
de Vilchez Rabanal

Universidade Internacional Iberoamericana
sissilianavilchez@gmail.com

Clélia Peretti

Pontifícia Universidade Católica do Paraná
cpkperetti@gmail.com

A proposta de comunicação “Educação formal e catequese: diálogos com Edith Stein sobre a essência da formação humana” se dá a partir da proposta de revisão sistemática, seguindo os critérios de identificação, seleção, elegibilidade e inclusão, finalizados com *checklist* de PRISMA, baseados em comentadores da obra de Edith Stein e produções científicas (artigos científicos, dissertações e teses de doutorado) armazenadas em bases de dados e repositórios, procurando ilustrar a literatura existente em torno da concepção e contribuição de Edith Stein para a formação da pessoa humana, contemplando pesquisas tanto da área da educação formal quanto da transmissão da fé, discutidas por meio da Análise de Conteúdo. O tema se desenha na formação da pessoa humana, sua identidade e finalidade, ainda que com perspectivas diferenciadas, a saber, a educação formal e a catequese sistemática. A revisão de escopo coloca em diálogo as áreas do conhecimento “Educação e Teologia”, com uma visão geral sobre o estado da arte, definido em torno da seguinte questão: “Como os sujeitos que passa pela educação formal e pela catequese sistemática devem ser compreendidos por seus educadores?”; ofertando, desse modo, uma visão ampla sobre a perspectiva de Edith Stein em torno da formação da pessoa humana. Suas reflexões sobre o núcleo da pessoa, lugar da interioridade e personalidade, e a realização da pessoa nas relações de alteridade são pontos de interlocução que colocam em diálogo as perspectivas dos autores proponentes, os quais são pesquisadores em diferentes áreas e que pretendem ofertar à comunidade científica, por meio dos resultados da revisão de escopo com a produção de artigo científico, bases bibliográficas para o desenvolvimento temático sobre os estudos da pessoa humana em Edith Stein.

Palavras-chave: pessoa humana; educação; interioridade e alteridade.

“O QUE É FILOSOFIA?” E A DEPENDÊNCIA MATERIAL E FORMAL DA FILOSOFIA PARA COM A FÉ EM EDITH STEIN

Lucas Matias Alves

Pontifícia Universidade Católica do Paraná
lucas_matiasalves@hotmail.com

O diálogo escrito por Edith Stein (1891-1942) “Was ist Philosophie?” (1929), em ocasião da publicação do “Festschrift: Edmund Husserl zum 70. Geburtstag Gewidmet”, apresenta-se como uma tentativa de criar um diálogo com a filosofia escolástica, representada por Tomás de Aquino, e a filosofia fenomenológica, representada por Edmund Husserl. Utilizando-nos de revisão bibliográfica e de análise conceitual, apresentamos como Stein se utiliza das categorias de causa material e formal para compreender a relação da Filosofia para com a fé. Stein identifica alguns traços essenciais que estão presentes em ambas: 1. Filosofia em oposição à doxa; 2. *strenge Wissenschaft* e *Philosophia perennis*; 3. *Logos* e *ratio*; 4. Razão e sentido; 5. Intuição e *Intuslegere*; ao mesmo tempo que marca as orientações distintas que as duas filosofias possuíam, mas que acreditava ser harmonizáveis. Um desses pontos é a relação da Filosofia com a fé. Apesar de a Filosofia ser uma ciência autônoma, ela é um caminho para alcançar a maior certeza possível e o conhecimento mais amplo. A fé, para Tomás de Aquino, é a certeza mais segura, já que o Deus que cria também é o que se revela; seu conteúdo possui verdades que, de outro modo, o ser humano não chegaria a não ser por “apalpadelas”. Se a Filosofia renuncia a essas verdades, renunciaria também à sua exigência de universalidade, que Stein chama dependência material da Filosofia para com a fé, e ao que almeja como conhecimento mais seguro, que Stein chama dependência formal da Filosofia para com a fé.

Palavras-chave: causa material; causa formal; fé e razão.

UM ESTUDO SOBRE A CAUSALIDADE PSÍQUICA E A MOTIVAÇÃO EM EDITH STEIN COMO COMPREENSÃO DA BUSCA DE SENTIDO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Lucas Oliveira Mendes

Universidade Federal de Uberlândia
lucasmendesfilo@outlook.com

O presente trabalho diz respeito a um estudo acerca do texto de Stein “Contribuições à Fundamentação Filosófica da Psicologia e das Ciências do Espírito” (1918) como base para compreensão e importância dos conceitos “causalidade psíquica” e “motivação” na busca do sentido da vida. Os estados psíquicos vitais se manifestam à consciência e os sentimentos vitais estão divididos em dois níveis: o do estado psíquico e o da percepção desse estado. Os estados psíquicos e as vivências da esfera vital funcionam como um *continuum*, uma vez que os estados vitais sofrem alterações pelo elemento de fundo, que é a força vital ou energia vital, sendo o elo entre a corrente das vivências: as causalidades que não são absolutas, mas são prováveis, motivam o aumento ou restauração, bem como o esvaziamento da energia vital, levando o sujeito a viver e sentir os efeitos de tais alterações. A consciência pode ou não se dar conta do que acontece no estado psíquico: como a vivência de uma tristeza, cansaço; e dentro de tal sucessão de estados psíquicos que não alcançam o nível da consciência têm-se indícios de uma patologia, como uma depressão profunda, que diminui significativamente no indivíduo a capacidade de dar-se conta das vivências que se apresentam como meio de busca do sentido da vida. Nesse sentido, comprova-se, pelo texto steiniano, que quando a consciência capta e distingue suas vivências torna o indivíduo mais capaz de reconhecer em si e no mundo meios de buscar e encontrar sentido na vida. Certo de que toda vida humana é digna e permeada de sentido por si só, o vazio existencial muito se justifica pela falta de consciência das vivências do que pela falta de causalidades e motivações que sejam capazes de restaurar a energia vital para que seja possível a busca, o encontro e a realização do sentido na vida, ainda que em meio ao sofrimento.

Palavras-chave: causalidade psíquica; motivação; sentido da vida.

SENTIR COM O SEMELHANTE:
EMPATIA E INTEGRALIDADE NO SER HUMANO

Marcelo Cabral de Araújo

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
marcelounesp1@hotmail.com

Wagner Lopes Sanchez

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
wagnersanchez@uol.com.br

A fenomenologia, grosso modo, é uma tradição filosófica inaugurada por Edmund Husserl, que tinha por projeto a apreensão do Ser através de um método, por assim dizer, que se voltava às intuições puras, observando a experiência da consciência na percepção dos fenômenos, ou seja, as coisas que aparecem e causam sensações à mente. Inspirada por essa filosofia e sob a orientação do próprio Husserl, no início do século XX, Edith Stein defende sua tese de doutorado intitulada “Sobre o Problema da Empatia”. A empatia é tratada nos tempos atuais como habilidade socioemocional, mas a partir de uma abordagem fenomenológica, que se debruça sobre a experiência da empatia, ou do gesto empático, pode ser entendida como um vivenciar a experiência do outro, sentir com um outro. Assim, é o gesto empático que nos liga enquanto humanos e a empatia envolve reconhecer no outro um igual. Utilizando-se do ferramental fenomenológico, de um modo que tanto considera a herança husserliana quanto inova por seu próprio gênio, Stein busca elaborar essa experiência da empatia, extraindo suas estruturas essenciais e entidades objetivas.

Palavras-chave: empatia; integralidade; humano.

O SER DO CATEQUISTA E SUA RELAÇÃO COM A COMUNIDADE E SOCIEDADE A PARTIR DE EDITH STEIN

Maria Aparecida Barboza

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
barboza.icm@gmail.com

Thiago de Fraga Gomes

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
tiago.gomes@puccrs.br

O catequista é um ser vocacionado para uma catequese que transforma a vida humana e a sociedade. O Concílio Vaticano II, através da “Gaudium Et Spes” (n. 3), proclamou a sublime vocação do ser humano, ao afirmar que nele está depositado um germe divino. O catequista, por ser um vocacionado ao serviço da iniciação à vida cristã, compreende que sua vocação é vivida como processo de educação da fé, de experiência e de encontro consigo mesmo, com Deus e com a sociedade. Essa consciência que a pessoa tem de si, da comunidade e da sociedade, faz com ela viva de forma integrada e integradora, com encantamento, projeto de vida, amor a si e ao próximo, empatia e inserção na comunidade e sociedade. Para Edith Stein, o ser humano é um ser finito e eterno e se relaciona de forma integrada entre natureza e graça. O próprio Deus, que é Ser Eterno, faz sua morada no humano, ser finito; e, por sua vez, o humano em sua interioridade se autorreconhece e, ao mesmo tempo, reconhece o próprio Deus que habita em si. É justamente na experiência de proximidade com o divino que o ser humano se relaciona com o mundo de forma humanizada e humanizadora. O ser do catequista, segundo Edith Stein, é um ser dinâmico e processual. Na experiência do encontro com Jesus Cristo, o catequista é marcado pela presença do Deus revelado em Jesus, pela pedagogia com o qual conduz e acompanha o iniciante e pela experiência mística que edifica e encanta a missão do ser catequista no mundo em profundas mudanças.

Palavras-chave: ser humano; catequista; comunidade; sociedade.

A FENOMENOLOGIA E SEU SIGNIFICADO DE VISÃO DE MUNDO SEGUNDO EDITH STEIN

Maria Cecilia I. Parise

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
mciparise@gmail.com

Em “A fenomenologia e seu significado de visão de mundo” – escrito provavelmente entre 1930 e 1931 –, Edith Stein apresenta o conceito de visão de mundo – tema já identificável em sua tese sobre a empatia – em relação à Fenomenologia nas suas três correntes distintas – de Edmund Husserl, Max Scheler e Martin Heidegger –, questionando se elas fornecem uma imagem global de mundo, ou pelo menos contribuem para sua edificação. A autora tem por objetivo explicitar uma visão de mundo moderna e católica, capaz de incluir a posição do ser humano no mundo: o seu “de onde?” e “para onde?”. Utilizando-se de revisão bibliográfica e da análise conceitual, apresentaremos o que Edith Stein entende por uma visão global de mundo e por que ela afirma encontrá-la na fenomenologia husserliana, sendo que Husserl não trabalha, em seus escritos – pelo menos naqueles conhecidos por Stein quando escreveu o seu texto –, temas abordados pela fé cristã. Stein teve contato com a revisão da tradução das “Meditações Cartesianas” do alemão ao francês por meio de Alexandre Koyré. Por isso, cotejaremos o texto da Stein com as “Meditações Cartesianas” de Husserl, a fim de demonstrar que Stein se vale do Husserl das “Meditações Cartesianas”. A visão de mundo está associada à capacidade do ser humano, enquanto sujeito espiritual, de operar um nexos significativo de vivências como uma unidade coerente de sentido que se abre ao mundo dos valores, formando uma imagem do mundo completa, coerente e global, capaz de iluminar a visão da razão natural por meio da fé revelada e, ao mesmo tempo, conduzir a fé revelada a refletir sobre seus fundamentos. Para Stein, Husserl chega a uma imagem completa de mundo por meio de sua fenomenologia transcendental, devido a nela se encontrar uma ontologia, sustentando a objetividade do mundo por meio da intersubjetividade transcendental, e uma metafísica estruturada sob uma multiplicidade de mônadas capazes de “conhecimento último do ser”. Desse modo, a fenomenologia de Husserl contribui material e formalmente para a construção de uma visão global do mundo moderno e em harmonia com a fé cristã católica – no sentido de “universal”.

Palavras-chave: visão de mundo; metafísica; ontologia.

CRONICIDADE E ESPIRITUALIDADE: UMA CONTRIBUIÇÃO A PARTIR DA FILOSOFIA DE EDITH STEIN

Marlise Barros de Medeiros

Universidade Federal Fluminense
marlisemedeiros@gmail.com

Janaína Mengal Gomes Fabri

Universidade Federal Fluminense
janamgfabri@gmail.com

Rose Mary Costa Rosa Andrade Silva

Universidade Federal Fluminense
roserosauff@gmail.com

Laís Silva Sales do Amaral

Universidade Federal Fluminense
laisamaral@id.uff.br

Eliane Ramos Pereira

Universidade Federal Fluminense
elianeramosuff@gmail.com

Verônica Bessa de Paulo

Universidade Federal Fluminense
veronicabp@id.uff.br

Marcos Andrade Silva

Universidade Federal Fluminense
marcosandrade.uff@gmail.com

Conceição Grazielle Teixeira Frederico

Universidade Federal Fluminense
grazielle@id.uff.br

A doença crônica possui seu aspecto físico e metafísico; pois, além do corpo, envolve alma e um modo de existir. Busca-se, neste estudo, pautar uma conduta acolhedora ao compreender, a partir da mensagem de uma queixa relacionada à cronicidade vivida pelo corpo, a emergência dos diversos aspectos humanos que podem ser trabalhados de forma eficaz na espiritualidade. O objetivo deste estudo é discutir filosoficamente sobre a cronicidade e a espiritualidade a partir do referencial filosófico de Edith Stein. Quanto ao método, trata-se de um artigo de reflexão que utilizou como base as obras de Edith Stein e artigos que tratam sobre espiritualidade no cenário das doenças crônicas. Como resultados, tem-se definições recentes sobre a espiritualidade compreendida como uma busca pessoal por significado e propósito na vida, busca por uma conexão com dimensão transcendental da existência. Segundo Edith Stein, a espiritualidade propõe uma compreensão do “eu” não como um corpo físico, inautêntico e finito, mas como um ser dotado de um espírito que, posto em evidência, torna-se força propulsora de vida, equilíbrio, fortaleza e leva o sujeito a enxergar sentido nas limitações e vislumbrar transcendência e propósito. Suas contribuições sobre empatia e a experiência intersubjetiva proporcionou uma compreensão mais profunda das relações humanas. Estudos descrevem os efeitos positivos das práticas religiosas na prevenção, recuperação e reabilitação da doença crônica. Exercícios espirituais como oração, jejum, leitura de textos sagrados reduzem as queixas relacionadas às doenças, sintomas de estresse, ansiedade e depressão, e produzem pensamentos de esperança, sensação de conforto e segurança. Pesquisas relevantes examinaram a

VI SIMPÓSIO INTERNACIONAL EDITH STEIN

Pessoa, comunidade, sociedade e Estado: dimensão relacional na fenomenologia de Edith Stein

relação doença crônica e espiritualidade em pessoas com câncer, patologias cardíacas, endócrinas, renais, doença de Parkinson, doenças reumáticas, hematológicas e em cuidados paliativos. Em meio a avanços nas terapias que controlam as doenças e proporcionam aumento da sobrevida, torna-se relevante proporcionar ao sujeito o cuidado de sua vida interior, pois, sem a força dos atributos espirituais, o corpo vivo não é pleno. Cremos poder dizer que Edith Stein fez contribuições valiosas para a área da saúde ao abordar a relação entre fenomenologia e espiritualidade, além de subsidiar os profissionais de saúde acerca da empatia, muito salutar para o cuidado humanizado.

Palavras-chave: filosofia, espiritualidade, doença crônica.

A PESSOA DO PRESBÍTERO: O CONCEITO DE CORPOREIDADE EM EDITH STEIN E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O MINISTÉRIO PRESBITERAL

Martim Goulart Fortes

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
martimfortes2015@gamil.com

Patrícia Espíndola de Lima Teixeira

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
pp.patriciateixeira@gmail.com

As diversas circunstâncias existentes nos contextos atuais exigem o aprofundamento da reflexão acerca do ser pessoa. Em chave teológica, a antropologia cristã possui relevante papel nesta compreensão, posto que versa sobre a natureza e a graça incidindo em todas as dimensões da vida humana. Para contribuir com o debate acadêmico sobre a pauta, o presente trabalho objetiva discutir a pessoa do presbítero a partir do conceito de corporeidade em Edith Stein (1881-1942). O ministério presbiteral é iluminado e aprofundado na Pessoa de Jesus Cristo, no qual encontramos o princípio redentor da pessoa humana. Conforme a antropologia cristã, em Jesus, o ser humano compreende a si mesmo. Através da metodologia bibliográfica-analítica, investigou-se como as contribuições de Edith Stein neste campo da corporeidade ajudam a compreender a realidade do corpo próprio vivenciado na vida e ministério na pessoa do presbítero. Na fenomenologia teológica de Edith Stein, identifica-se a corporeidade na sua estrutura aberta e relacional. A corporeidade não se limita à massa corpórea (*Körper*), objetificada ou inativa. Stein apresenta o corpo como uma unidade e totalidade, corpo-alma. O corpo anímico possui alma sensível (*Sinnenseele*) e alma espiritual (*Geistseele*). Ser pessoa é estar consciente de possuir corporeidade com alma viva (*Leib*). É, também, reconhecer o “eu” e o “não eu”. Nos princípios cristológicos e trinitários, a pessoa humana é Imagem de Deus (*imago Dei*). Considerando a pessoa do presbítero, a visão antropológica de Edith Stein ilumina a realidade natural e espiritual, revelando o fenômeno de ser único e irrepetível. Nos princípios sacramentais, o presbiterato configura alguém que age *in persona Christi*. Para tanto, demonstra-se a necessidade de integrar o fenômeno da corporeidade nos processos formativos dos presbíteros, pela necessidade do reconhecimento do presbítero enquanto pessoa em totalidade (corpo-mente-espírito). Finaliza-se acentuando o ministério presbiteral em conformidade com a graça. Esta não anula a natureza corpórea, mas a transcende; pois a transcendência que perpassa a pessoa do presbítero configura-o para a missão assumida e fortalecida no dom celibatário.

Palavras-chaves: Edith Stein; pessoa; corporeidade, presbítero.

EDITH STEIN E KARL RAHNER: O DIÁLOGO ENTRE TOMÁS DE AQUINO E A MODERNIDADE

Matheus Manholer de Oliveira

Pontifícia Universidade Católica do Paraná
matheusmanholer@gmail.com

O início do século XX é caracterizado pelo retorno ao pensamento de Santo Tomás de Aquino: muitos teólogos e filósofos procuram estudar e fundamentar suas reflexões na doutrina do escolástico. Nesse período, destaca-se Edith Stein, cuja filosofia é considerada uma das mais singulares da contemporaneidade, pois procura conjugar a doutrina cristã com a filosofia moderna. Ao se deparar com as obras do Aquinate, Stein encontra muitos elementos semelhantes do escolástico com o pensamento de seu mestre, Edmund Husserl. Apesar de muitos pensadores procurarem estabelecer relação entre o doutor angélico e a modernidade, a filósofa alemã difere de muitos, pois não procura uma nuance apologética, mas elementos que o conciliem com a modernidade. Karl Rahner desenvolve uma perspectiva teológica no doutor angélico em diálogo com a modernidade, pautando-se numa visão tomista transcendental. Sua tese de doutorado diz respeito à epistemologia do Aquinate conciliada com o pensamento kantiano, o qual estabelece relações que influenciam os rumos do pensamento teológico posteriores a ele. Esta pesquisa tem como objetivo analisar o pensamento de Stein e Rahner e delimitar o ponto de convergência em suas reflexões, sobretudo, no que se refere ao transcendental em Tomás de Aquino, de modo que se possa estabelecer uma relação entre o pensamento steiniano e a visão teológica de Rahner. Por fim, as reflexões de ambos permitem compreender o tomismo não como uma visão distante da contemporaneidade, mas atual, sendo possível dialogar com a diversidade que a modernidade apresenta.

Palavras-chave: Edith Stein; Karl Rahner; Tomás de Aquino.

CONTRIBUIÇÕES DE EDITH STEIN PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES: PROPOSTA DE UM PROGRAMA DE FORMAÇÃO PARA DOCENTES UNIVERSITÁRIOS

Michelha Vaz Pedrosa

Universidade Federal do Espírito Santo
michelha.pedrosa@ufes.br

Magna Celi Mendes da Rocha

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
rochamcpuc@gmail.com

O presente resumo resulta de um projeto realizado no ano de 2022 e se insere no âmbito das discussões acerca das contribuições de Edith Stein para a formação de professores. O objetivo foi o levantamento de uma bibliografia de referência que proporcione o acesso ao conhecimento produzido na área e como esse conhecimento pode auxiliar no processo de formação permanente de professores universitários. Trata-se de um estudo qualitativo, do tipo pesquisa bibliográfica, por meio do qual foram transcritos vinte áudios, incluindo conferências, mesas-redondas e *lives*, que resultaram em um quadro com as referências citadas em cada um deles. Como parte do trabalho de pesquisa bibliográfica, foram também lidas e fichadas seis obras na referida área, sendo elas: Rocha (2021), Rus (2015), Sberga (2014), Stein (1999), Peretti (2019) e Revista Parresia (volume 2, 2021). Os estudos realizados culminaram na elaboração de um programa de formação continuada composto por oito módulos, em formato de oficinas, com o objetivo de resgatar a essência da docência, o seu valor e papel insubstituível. A ideia central do referido programa de formação é levar o professor a uma reflexão acerca da imagem de docência que ele traz de modo a aprimorá-la/reconstruí-la segundo a visão educativa de Edith Stein.

Palavras-chave: Edith Stein; formação de professores; pedagogia universitária.

O DIREITO PARA EDITH STEIN NA OBRA “UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O ESTADO”

Nairo Venício Wester Lamb

Faculdade Palotina
nairovenicio@gmail.com

A fenomenologia desenvolveu-se a partir do pensamento de Edmund Husserl em uma tentativa de retomar a filosofia como ciência primeira. Discípula de Husserl, de quem foi assistente, Edith Stein desenvolve seu doutorado sobre a definição da empatia (*Einfühlung*) e deste decorre o seu interesse antropológico que aparecerá em obras posteriores. O interesse sobre o ser humano e a realidade em que está situado leva ao desenvolvimento de uma obra sobre o Estado, intitulada “Uma investigação sobre o Estado” (“Eine Untersuchung über den Staat”), publicada em 1925, a qual traz a visão do Estado como comunidade e apresenta uma análise quanto à relação entre Estado e Direito. A partir dessa obra, buscamos entender a visão de Direito a partir da fenomenologia de Edith Stein, utilizando a revisão bibliográfica da obra citada e de comentadores. O critério metodológico adotado consiste na busca de artigos publicados nos últimos anos em revistas especializadas da Filosofia e Direito, em língua portuguesa, bem como a leitura de comentadores e da obra objeto deste estudo. Com isso, acredita-se ser possível conhecer um pouco mais o pensamento da autora e contribuir para o debate atual sobre o Direito na sociedade contemporânea. Os intérpretes do pensamento de Stein afirmam que ela entende que a pessoa humana se constitui através de suas relações, o que faz com que o Estado tenha um fundamento ôntico voltado para as experiências interpessoais desenvolvidas em âmbito comunitário; por isso a importância da análise do Direito para a concretização das relações interpessoais e do papel estatal. Conforme a filósofa, o Direito se apresenta em dois sentidos: o direito puro, que é o mesmo desde todos os tempos e igual em todos os povos; e o direito positivo, que é uma criação arbitrária estatal, o qual pode divergir entre os países e até do direito puro. Reconhece que é possível um distanciamento entre o direito puro e o positivo quando a pessoa se afasta da limitação estatal exercendo conscientemente sua liberdade. Conclui-se que, na filosofia de Stein, há uma percepção comunitária da constituição estatal e da importância da pessoa humana para uma justa conceituação do Direito.

Palavras-chave: Edith Stein; direito; fenomenologia.

UN ESTUDIO SOBRE LA RELACIÓN ENTRE LA EMPATÍA Y LA LIBERTAD EN HUSSERL Y STEIN

Nathalie Barbosa de la Cadena
Universidade Federal de Juiz de Fora
nbcadena@gmail.com

En este estudio presento el concepto de empatía de Husserl y Stein y constato que tienen una comprensión común. Para ambos los fenomenólogos, la empatía es un acto de consciencia con dos momentos, en el primer momento hay el reconocimiento del otro y, en el segundo momento, el abrirse al otro. El reconocimiento es un acto de consciencia involuntario e inmediato; el abrirse al otro es un acto racional y voluntario. Es a partir de este punto que hay una relación entre la empatía y la libertad. La empatía sólo estará completa si el sujeto decide abrirse al otro. Paso, entonces, a investigar las consecuencias del no cumplimiento del acto de la empatía y como esto afecta a la constitución de la comunidad. Siendo la empatía el acto de consciencia más fundamental para la relación con el otro, cuando está incompleto, imposibilita el diálogo, la comprensión y la compasión entre los sujetos. No es posible a esta comunidad constituir un telos común que le sirva de factor de sociabilidad. La unión entre los sujetos puede ocurrir, pero es sólo por un momento, característica de la masa, no de la comunidad. Al final, concluyo que, como ocurre en San Agustín, la constitución de una comunidad sin un telos común lleva a una ciudad de conflictos cuyos ciudadanos son más como dominadores.

Palabras-clave: Husserl; Stein; empatía.

DA EMPATIA AO DOM DE SI: A ANTROPOLOGIA DA RELAÇÃO EM CHAVE TEOLÓGICA

Patrícia Espíndola de Lima Teixeira

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
pp.patriciateixeira@gmail.com

Para Edith Stein, a vinculação entre a consciência do “eu” e do “outro” ampara-se no princípio da empatia (*Einfühlung*): o substantivo *Einfühlung*, do verbo *fühlen* (“sentir”), associado ao prefixo *ein* (“dentro” ou “em”). O primeiro termo enfatiza as dimensões intrapessoal e interpessoal; o segundo reenvia à experiência do envolvimento de um impulso unitivo (identitário). A empatia parte da sensibilidade com o “outro” como individualidade própria, como um “tu” que vive a si mesmo; assim como “eu” vivo eu mesmo remete ao “tu” como outro “eu”, uma alteridade. Pressupõe a percepção do semelhante, tornado presente “dentro” do “eu”, o que o “outro” vive em primeira pessoa. Todavia, se, de um lado, uma identificação total é irrealizável; por outro, é verdade que é possível captar o que o outro pensa, vive, sente e necessita. Para tal, estabelece-se uma conexão intersubjetiva. A intersubjetividade entre o “eu” e o “outro” implica em experienciar da experiência do outro e não “colocar-se no lugar do outro”. O outro é reconhecido como alguém, salvaguardando sua pessoalidade. Em chave teológica cristã, a pessoa humana é imagem de Deus. A influência de Agostinho na obra steiniana contribui com a visão de Deus – Uno e Trino – singularidade e relação. Em “Ser Finito e Eterno”, nos capítulos VI e VII, Edith descreve o Deus Trindade como relação de Amor unitivo, por isso comunhão. A pericorese trinitária revela a recíproca troca de dons e torna-se fundamento da comunhão, em que a pessoa humana é vocacionada a viver com os demais. O gesto empático que fundamenta a vida comunitária revela o dom de si: o ser que, estando em si, transcende a si, no exercício de amor no paradigma trinitário. O amor-doação consiste em perceber o outro como alguém dotado da inviolável dignidade de pessoa imagem de Deus, um semelhante. O amor possui base empática e, para ser amor, precisa dirigir-se ao bem da dignidade do outro. Para Stein, o dom de si revela-se na relação autêntica comunhão; e, ainda que as pessoas não saibam, essa experiência possui fonte em Deus.

Palavras-chave: empatia; dom de si; Edith Stein.

DAS DESFIGURAÇÕES CONTEMPORÂNEAS AO RESGATE DA PESSOALIDADE: SOBRE A EMPATIA E A PESSOA HUMANA EM EDITH STEIN

Paulo Sérgio da Silva Filho

Centro Universitário Salesiano de São Paulo
paulosergio.bsp@salesianos.com.br

Jefferson da Silva

Centro Universitário Salesiano de São Paulo
jeffinho.silva@hotmail.com

O trabalho propõe uma análise das desfigurações contemporâneas, entendidas como tudo aquilo que acaba, de algum modo, afetando as dimensões que fazem parte da constituição da pessoa humana – a sua corporeidade (*Leib*), o seu psíquico (*psyche*) e o seu espírito (*Geist*) – ou o bloqueio do núcleo da alma de se exhibir, ao possível resgate da pessoalidade, tomando como base algumas noções fundamentais de Edith Stein, tais como empatia, singularidade e pessoa humana, tratadas nas obras “Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos”, “Ser finito e ser eterno” e “Sobre o problema da empatia”. Além disso, dialoga com os seguintes estudiosos do pensamento steiniano: Adair Aparecida Sberga, Angela Ales Bello, Eduardo Dalabeneta, Enrico Dal Cavolo, Francesco Alfieri, Mariana Bar Kusano e Juvenal Savian Filho. O principal objetivo é mostrar o percurso que leva das desfigurações contemporâneas ao resgate da pessoalidade, o qual envolve a possibilidade de que cada sujeito pode ser verdadeiramente mais humano, considerando-se essencial. Para tanto, tem-se a compreensão das noções de empatia, singularidade e pessoa humana como norteadoras de uma existência autêntica. O trabalho é dividido em três partes. A primeira expõe o fenômeno da pessoa humana; nesta, apresentam-se alguns dados biográficos de Edith Stein, suas vivências e seu contexto histórico, bem como explicita-se a empatia como experiência ou apreensão do conteúdo da vivência alheia. A segunda aborda a noção de pessoa humana na filosofia steiniana, que compreende uma essência geral e uma essência individual. Por fim, desenvolve-se a problematização das desfigurações contemporâneas em relação à formação pessoal, apresentando a inviolabilidade da pessoa humana e as vias de acesso para o resgate da própria pessoalidade, o que requer principalmente autoconhecimento, uma formação integral e uma condução de uma vida simples.

Palavras-chave: Edith Stein; empatia; resgate da pessoalidade; singularidade.

EVERARDO BACKHEUSER: UM ESCOLANOVISTA CATÓLICO

Rarden Luis Reis Pedrosa

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
rardenscj@gmail.com

Mauro Castilho Gonçalves

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
mcgoncalves@pucsp.br

O artigo aborda o contexto biográfico do intelectual Everardo Backheuser, sua atuação e produção no campo educacional, disputado entre os pioneiros (1932) e católicos durante as décadas de 1920 a 1950. Apresentamos as diversas influências deixadas pela produção de Everardo, contextualizando, no período histórico, a força crescente da Igreja Católica no âmbito educacional brasileiro. O objetivo principal do artigo é situar o geógrafo, geopolítico, engenheiro, professor, comunicador e deputado dentro da educação brasileira e compreender como se apropriou do ideário da Escola Nova a partir dos fundamentos da Igreja Católica. Num primeiro momento, destacamos o cenário da época com opiniões dialéticas entre o Estado e a Igreja Católica, em seguida, demonstramos uma trajetória biográfica de Everardo até sua conversão ao catolicismo em 1928. Além disso, abordamos o ano de 1928, destacando alguns episódios históricos que contribuíram para legitimar sua intelectualidade no campo educacional. Em seguida, analisamos sua vida após a conversão à fé católica até seu falecimento em 1951. Por fim, apresentamos alguns aspectos de sua produção intelectual e como Everardo foi articulando sua voz no meio acadêmico, eclesial, político e pedagógico no Brasil. Utilizamos a metodologia bibliográfica-teórica a partir do método de análise da história dos intelectuais e as fontes de pesquisa compreenderam algumas de suas obras – artigos, dissertações e teses, jornais e revistas do contexto da época –, que destacaram a figura de Everardo e um arquivo pessoal de sua segunda esposa, Alcina Backheuser. A partir do artigo, seguindo os estudos sobre a análise histórica da vida de Edith Stein, questionamos se Everardo teve algum contato com a produção intelectual de Stein, uma vez que esteve na Alemanha entre 1928-1929; e, além disso, assim como Stein, Everardo leu e citou diversas vezes a encíclica “Divini Illius Magistri” do Papa Pio XI. Portanto, levantamos algumas hipóteses de pesquisa, como, por exemplo: a argumentação intelectual de Stein teria influenciado a arguição do escolanovismo católico na Alemanha e posteriormente no Brasil?

Palavras-chave: escola nova; Igreja Católica; educação.

DYNAMIS: METAMORFOSE E IDENTIDADE

Sival da Silva Junior

Centro de Estudos da Arquidiocese de Ribeirão Preto
pesinv@hotmail.com

A metamorfose faz parte de um processo do fazer-se ao longo da vida; a cada etapa desse processo, passa-se por crises; em cada crise, descobertas; e, em cada descoberta, compreensão de si, da vida, do outro e do mundo. O ser que se transforma é dinâmico. Em meio a transformações e crises, uma questão: que lugar ocupa a identidade? Por algum tempo, o conceito de *persona* povoou o entendimento de ser humano. Esse conceito se depara também com uma crise: *persona* (máscara) deixa de ser algo parado, estático, estável. Há quem pense que, para sentir-se si mesmo, se reveste de uma “máscara” e coloca-se no meio de desconhecidos: ali dança, canta, grita – cada ato como uma epifania. Para entender de si, não basta saber-se, mas é preciso sentir-se, contrariando o puro racionalismo. O sentir remonta a algo estético. De fato, estética é sentimento, é teoria dos sentidos e do sentir. O momento estético, deve-se ao fato da aposta humana no sentir. Parece-nos que a estética (sentimento) vem tornando-se um critério importantíssimo para a ética (agir). A finalidade do nosso estudo é entender, por meio do método fenomenológico inaugurado por Husserl e desenvolvido por Edith Stein, o que de fato é a identidade em meio à metamorfose que se dá pela força da “*dynamis*”. Pretendemos retomar os conceitos de ato (*energeia*) e potência (*dynamis*) de Aristóteles, para compreender como ambos implicam em um movimento que vai além da estabilidade absoluta do ser. Busca-se o entendimento de como o ser humano se situa na vida mediante uma identidade constante, mas que pode sofrer mudanças em alguma proporção. Em que medida a estética responde a esse problema? E a ação, o que revela de tudo isso? A questão também toca em como a identidade mais profunda do ser humano é descoberta: depara-se com a problemática da constituição integral do ser humano e suas dimensões (físico-corporal, psicológica e espiritual). Leva-se em conta que, nesse processo, o ser humano não se descobre simplesmente mediante uma interiorização, mas também colocando-se em contato com os seus semelhantes e com o mundo. Trata-se, enfim, de explorar cada termo implicado neste estudo, a saber: *persona*, ser-humano, *dynamis*, *energeia*, metamorfose, estética, ação, ética, corpo, psíquico e espírito.

Palavras-chave: *dynamis*; metamorfose; identidade.

EDUCAÇÃO INTEGRAL, PROJETO DE VIDA E VIVÊNCIA COMUNITÁRIA: A FORMAÇÃO DA JUVENTUDE EM EDITH STEIN

Soraia Batista Rodrigues

Faculdade Diocesana São José
soraiaabaro@hotmail.com

Este trabalho aborda as temáticas da formação integral, do projeto de vida e da vivência comunitária a partir da visão steiniana. Trata-se de uma revisão bibliográfica de abordagem qualitativa e teve o seguinte problema: como a formação integral, a partir do pensamento de Edith Stein, pode contribuir com a educação escolar que propõe em seu currículo auxiliar o jovem a construir o seu projeto de vida e a se tornar um cidadão comprometido com a vida comunitária? O objetivo da pesquisa foi analisar como a proposta educacional e antropológica de Stein pode subsidiar a formação integral dos jovens e orientá-los a desenvolverem seus projetos vitais; para, assim, contribuírem com o crescimento harmonioso da comunidade. A educação brasileira, por meio da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2017), faz um apelo às escolas para que promovam uma educação integral e orientem a juventude a elaborar um projeto vital e a arraigar-se ativamente na vivência comunitária. Stein (2003) afirma que a finalidade da educação é conduzir os educandos para que se tornem aquilo que são chamados a ser. A pessoa humana é um ser individual e coletivo, que pertence a uma comunidade e, portanto, é interpelada a se comprometer existencialmente com o bem-estar da sociedade, mediante seu projeto de vida. A pesquisa observou que o contexto das escolas públicas brasileiras enfrenta grandes desafios para concretizar a proposta de uma educação integral; todavia, não pode olvidar da sua missão social perante seus membros; e o pensamento de Edith Stein propicia uma reflexão sobre o humano que se deseja formar e para qual sociedade.

Palavras-chave: formação integral; projeto de vida; Edith Stein.

UM ENSAIO SOBRE A DIGNIDADE E A VOCAÇÃO DA MULHER

Talis Pagot

Pontifícia Universidade Gregoriana
talispagot@gmail.com

Este ensaio tem como objetivo refletir sobre a dignidade e vocação da mulher, à luz dos 35 anos da Carta Apostólica “Mulieris dignitatem”, do Papa João Paulo II, colocando no centro da reflexão o mistério da criação e da redenção, no qual se esclarece o chamado da mulher e do homem a ser *Imago Dei*, revelando a sua dignidade e vocação. Essa imagem de Deus, refletida no ser humano homem e mulher, deve se manifestar já na vocação existencial, alcançando sua plenitude na vocação batismal. A autoconsciência do ser dentro desse duplo chamado é o facilitador da autoconsciência e da consciência comunitária da dignidade e do chamado da mulher a agir no mundo a partir do *ethos* da criação e da redenção. Para compreender o chamado e a dignidade, é necessário olhar para as duas estruturas fundamentais da pessoa humana: a complexidade e a unidade. A partir desses dois conceitos, será possível perceber a necessidade de um olhar mais amplo e profundo sobre a realidade da mulher, bem como considerar a diversidade como eixo de reflexão. Para a chegar a tal objetivo, será proposto um diálogo entre os pensamentos de Karol Wojtyła, Alfonso López Quintás e Edith Stein; esta última, no que se refere à sua antropologia dual e à vocação da mulher. Wojtyła e Stein possuem visões antropológicas que se tocam em diversos pontos. López Quintás, por sua vez, oferece teoria e método para um aprofundamento adequado da dimensão da complexidade e da relação do chamado unido à integralidade do ser. Os resultados e a conclusão deste ensaio mostram que são muitos os caminhos possíveis para a compreensão e acolhida do papel da mulher no mundo e que manifesta a sua dignidade. Todavia, existe um ponto de partida, que é a contemplação da complexidade e o reconhecimento da necessidade de integração, sem a qual não se cumpre a *Imago Dei*, e a diversidade fica descentrada. O método utilizado na pesquisa é o método bibliográfico analítico.

Palavras-chave: “Mulieris Dignitatem”; complexidade; integração do ser.

**O SENTIDO SALVÍFICO DO SOFRIMENTO:
UMA ANÁLISE DA NOITE ESCURA, A PARTIR DA OBRA
“A CIÊNCIA DA CRUZ” DE EDITH STEIN**

Thales Vinicius Silva

Instituto Santo Tomás de Aquino
thalesvsil@outlook.com

Roberto José da Silva

Instituto Santo Tomás de Aquino
bobrsilva@hotmail.com

O sofrimento é um mistério. Os homens de todos os tempos indagaram sobre a razão de sua existência e, conseqüentemente, foram vítimas de desastres e problemas de todas as ordens. Hodiernamente, o homem ainda sofre com guerras, pandemias, fome e tantas outras espécies de algozes. Portanto, fica notória a singular importância de se discutir este tema na atualidade. Este trabalho, cuja temática é: “O sentido salvífico do sofrimento: uma análise da noite escura a partir da obra ‘A Ciência da Cruz’ de Edith Stein”, pretende responder ao seguinte problema: qual o sentido salvífico que Cristo dá ao sofrimento? Para respondê-la, foi necessário descrever o processo de ressignificação do sofrimento em Cristo; delinear a experiência espiritual da Noite Escura e elucidar os frutos da Cruz. Esta investigação partiu da abordagem que Edith Stein faz do mistério da Cruz, na obra supracitada. A pesquisa utiliza-se do método indutivo, a partir da revisão bibliográfica. Verificou-se que apenas o amor pode dar sentido à dor dos homens. A partir desse resultado, pode-se concluir que Deus não abandonou a humanidade ao léu do sofrimento; através da encarnação, Deus provou o seu amor pela humanidade ao morrer em uma Cruz e tornou o sofrimento humano um caminho de união com Ele. Destarte, a própria existência do sofrimento é uma prova do amor de Deus, visto que seria impossível criar um ser totalmente livre, sem que houvesse a possibilidade de que este pudesse experimentar a dor e o sofrimento. E reconhecendo a dinâmica da “*kenosis*”, os sofrimentos e a Noite Escura, em seu modo ativo – Noite dos sentidos – e em seu modo passivo – Noite dos Espíritos –, são caminhos que podem unir o homem a Deus, por meio do matrimônio místico. Essa união mística possibilita a morada plena de Deus na alma e a transformação da vontade humana, a partir da liberdade, em vontade divina: uma relação que encaminha o ser humano a viver a vida no Espírito Santo, isto é, a vida no amor, um convite à caridade, à doação de si ao próximo e, conseqüentemente, a uma união que conduz o ser humano para a eternidade.

Palavras-chave: sofrimento; noite escura; amor.

O PAPEL DA COMUNIDADE NO PENSAMENTO DE EDITH STEIN

Valdirlei Augusto Chiquito

Pontifícia Universidade Católica do Paraná
chiquito72@gmail.com

Clélia Peretti

Pontifícia Universidade Católica do Paraná
clelia.peretti@pucpr.br

As obras de Edith Stein possuem um grande cunho pedagógico e formativo. Edith Stein, filósofa e teóloga alemã do século XX, desenvolveu uma filosofia fenomenológica que valorizava profundamente o papel da comunidade em seus escritos. Ela acreditava que a existência humana não poderia ser compreendida isoladamente, mas deveria ser enquadrada no contexto de uma comunidade. Objetiva-se investigar essa temática a partir de alguns escritos de Stein, em que se encontram os conceitos-chave de um pensamento antropológico, filosófico e teológico sobre o papel da comunidade para uma análise mais correta do conceito de pessoa humana. A pesquisa será bibliográfica com abordagem qualitativa do tipo explicativa com interpretação e abordagem reflexiva à reflexão proposta. O tema da comunidade no pensamento de Edith Stein fundamenta-se na perspectiva fenomenológica, pautada tanto na visão aristotélico-tomista, como também na doutrina católica, para mostrar que a comunidade desempenha um papel fundamental na construção do conhecimento e na formação da moral, pois Stein reconhecia a importância da comunidade na formação da identidade individual. Em seus argumentos, ela mostrava que nossas experiências, valores e sentidos de identidade são moldados por nossa interação com os outros. Assim, pode-se concluir que o papel da comunidade no pensamento de Edith Stein era de suma importância. Para ela, a interação com os outros enriquece nossa compreensão do mundo e de nós mesmos, e a busca por um significado mais profundo frequentemente se desenrola no contexto da comunidade. O trabalho influente de Stein continua a servir como fonte de inspiração para pensadores interessados na interligação entre indivíduo e a sociedade.

Palavras-chave: Edith Stein; ser humano; formação; comunidade.

COMPREENSÕES DO SER E DESDOBRAMENTOS PARA A EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: UM OLHAR PARA A OBRA “A FORMAÇÃO DA PESSOA EM EDITH STEIN” DE ADAIR APARECIDA SBERGA

Vitória Fenilli Vidaletti

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
vitoria_fenilli@hotmail.com

Mariangela Deliberalli

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
mari.deliberalli@gmail.com

Tiago Emanuel Klüber

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
tiago_kluber@yahoo.com.br

Edith Stein, fenomenóloga, assistente de Edmund Husserl, ao refletir sobre o ser, considera que este ato não começa neste instante, não é definido no agora, mas perdura por certo tempo, pois ele vem e vai, até ser substituído ou interrompido por outra atividade. Portanto, o ato de refletir é considerado como “unidade de vivência”. Esse sentido de reflexão é o que perseguimos neste texto à luz do pensamento de Edith Stein sobre a constituição do ser; para, posteriormente, voltar nosso olhar aos desdobramentos desse sentido para a Educação Matemática. A obra em análise é “A formação da pessoa em Edith Stein”, de autoria de Adair Aparecida Sberga, de 2014, a qual abre a possibilidade de compreender o ser constituído na formação da pessoa no sentido de potência e ato, de estrutura, e no processo de formação, seja de si mesmo ou de outros. A partir da perspectiva das vivências do sujeito, interroga-se: de que modos o pensamento fenomenológico sobre o ser pessoa pode contribuir para a Educação Matemática, tanto para aquele que forma, quanto para aquele que é formado? Nossa região de inquérito solicita um olhar para a formação do núcleo da pessoa, para além do senso comum, ou seja, interrogar sobre o que se conhece do ser humano, seu conceito de formação, dinamismo e processo evolutivo de modo a auxiliar a compreensão de sua interioridade, originalidade e singularidade, para além de teorias que obscurecem a pessoa. A fenomenologia possibilita evidenciar a estrutura universal da pessoa, pois formação e educação devem compreender o ser humano em sua totalidade de corpo-vivente. Esse aspecto modifica de modo acentuado a visão predominante nas teorias de formação de professores no âmbito da Educação Matemática, pois não se centra apenas na cognição, nas chamadas visões críticas ou aspectos mais pragmáticos, visando à integralidade da pessoa. Esse entendimento merece reflexão e aprofundamento.

Palavras-chave: Edith Stein; fenomenologia; educação matemática.